



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

ANGELA MARIA DA SILVA

OS USOS DA MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ NA GEOGRAFIA

Arraias/TO
2019

ANGELA MARIA DA SILVA

OS USOS DA MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ NA GEOGRAFIA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. George Leonardo S. Coelho

Arraias/TO
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586u Silva, Angela Maria da.
Os Usos da Música Sertaneja de Raiz na Geografia. / Angela Maria da Silva. – Arraias, TO, 2019.
78 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2019.
Orientador: George Leonardo Seabra Coelho

1. Música. 2. Memória. 3. Geografia. 4. Ensino. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

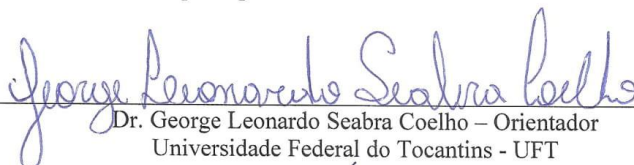
ANGELA MARIA DA SILVA

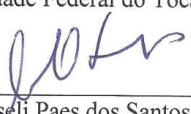
OS USOS DA MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ NA GEOGRAFIA

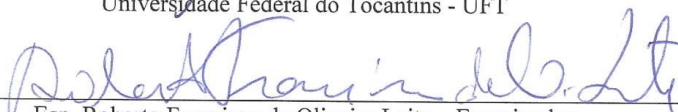
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 05 de novembro de 2019.

Banca examinadora formada pelos professores:


Dr. George Leonardo Seabra Coelho – Orientador
Universidade Federal do Tocantins - UFT


Dr.ª Ana Roseli Paes dos Santos – Examinadora
Universidade Federal do Tocantins - UFT


Esp. Roberto Francisco de Oliveira Leite – Examinador
Universidade Federal do Tocantins - UFT

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe Severina Lira e minha irmã Luzia Maria que acreditaram em mim, às minhas filhas Lauren Cássia e Maria Laura por aguentarem as minhas ausências. E ao meu amado Antônio Vicente com quem amo partilhar a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor-orientador Dr. George Leonardo Seabra Coelho pela confiança e paciência na realização deste trabalho. Às minhas amigas Dimária Magalhães, Luzia de Jesus e Marli Moura, que tanto contribuíram com suas palavras de amizade, companheirismo, apoio e incentivo no desenvolvimento e finalização do trabalho.

EPÍGRAFE

“Não pode haver uma totalidade de comunicação. Com efeito, a comunicação seria a verdade se ela fosse total”.

Paul Ricouer

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem na sala de aula nas aulas de geografia exige mecanismo didático-metodológico que auxilie na relação do conteúdo com o espaço de vivência e a compreensão das relações do espaço geográfico. Para isso, a música sertaneja de raiz, como recurso metodológico, para as aulas de geografia do Brasil como elemento narrativo de vivência da relação do sujeito do campo com o espaço geográfico fortaleceria o processo de ensino e a identidade local. A proposta metodológica do ensino de geografia através da música sertaneja de raiz pode levar o aluno para uma postura reflexiva frente ao conteúdo. Pois essa metodologia pode relacionar sua vivência com o mundo globalizado. Por isso, é necessário que o sujeito se reconheça pertencente a uma identidade ligada ao meio. Acreditamos que as representações sociais dos traços refletidos pela realidade local através da memória, possibilita pensar a lembrança do ausente na memória presente. E a música sertaneja de raiz com elementos descritos na composição das letras e no estilo melódico trazem elementos do espaço geográfico, social e histórico que associado a memória discente influencia no processo de ensino e aprendizagem. Associando os elementos da identidade cultural podemos construir um diálogo entre a música sertaneja de raiz e conteúdo da geografia do ensino médio. Portanto a proposta de trabalho com o uso da música sertaneja de raiz na disciplina de geografia do ensino médio no Colégio Cel. José Francisco de Azevedo em Conceição do Tocantins demonstra o quanto a memória social dos discentes, que são ou estão ligados ao campo os identificam na memória coletiva local, uma vez que a música é peça chave para que ativem suas lembranças. E com essa pesquisa-ação de caráter qualitativo e com base bibliográfica destaca o quanto a memória pessoal do sujeito precisa fazer parte do espaço educacional escolar. Onde o resultado do desempenho possibilitou ao desenvolvimento pedagógico das aulas uma melhor efetivação do rendimento da aprendizagem

Palavras-chave: Música sertaneja de raiz. Geografia. Memória.

ABSTRAC

The teaching and learning process in the classroom in geography classes requires didactic-methodological mechanism that assists in the relationship of content with the space of experience and understanding the relationships of the geographic space. For this, root country music, as a methodological resource, for the geography classes of Brazil as a narrative element of living in the relationship of the field subject with geographic space would strengthen the teaching process and local identity. The methodological proposal of geography teaching through root country music can lead the student to a reflexive posture in front of the content. Because this methodology can relate your experience to the globalized world. Therefore, it is necessary that the subject recognizes himself belonging to an identity linked to the environment. We believe that the social representations of traits reflected by local reality through memory, makes it possible to think about the memory of the absent in the present memory. And root country music with elements described in the composition of letters and melodic style bring elements of the geographic, social and historical space that associated with student memory influences the teaching and learning process. Associating the elements of cultural identity we can build a dialogue between root country music and content of high school geography. Therefore, the proposal to work with the use of root country music in the discipline of high school geography at Cel College. José Francisco de Azevedo in Conceição do Tocantins demonstrates how much the social memory of the students, who are or are connected to the field identify them in local collective memory, since music is a key piece for them to activate their memories. And with this qualitative action research based on the subject highlights how much the subject's personal memory needs to be part of the school educational space. Where the performance result enabled the pedagogical development of classes to better effect the performance of learning

Keywords: Root country music. Geography. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MÚSICA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO.....	14
1.1 Música sertaneja, identidade e cultura.....	21
1.2 Música Sertaneja e Ensino de Geografia.....	22
2. A GEOGRAFIA E O ENSINO DA RELAÇÃO CAMPO E CIDADE.....	35
2.1 A renovação do ensino de geografia.....	35
2.2 Relação entre Campo e Cidade no ensino de geografia.....	38
2.3 Educação do Campo como valorização da cultura camponesa.....	42
2.4 Músicas e o Ensino das relações entre campo e cidade.....	46
3. A EXPRESSÃO DA RELAÇÃO CAMPO/ CIDADE NA MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA.....	52
3.1 O lugar, como espaço de relação de Memória.....	53
3.2 A aula de geografia com a Música Sertaneja de raiz.....	57
3.3 Um olhar avaliativo diante do uso da música sertaneja de raiz na sala de aula perpassando pela identidade e memória.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

A música como uma linguagem possibilita na composição de suas letras e melodias retratar elementos, caracterizações e conceitos sociais que para o professor pode ser um recurso didático e metodológico que venha facilitar no processo de ensino e aprendizagem de disciplinas, no caso deste estudo da geografia.

Para isso a música sertaneja de raiz foi analisada explorando-se seus contextos de criação, elementos de caracterização e sua relação com o sujeito do campo dentro do contexto socioespacial refletido em traços de identidade e permeado por elementos da memória durante as aulas de geografia da segunda série do Ensino Médio da Educação Básica do Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo.

A comunidade de Conceição do Tocantins, que está inserida a unidade escolar onde se deu a referida pesquisa relacionada a atividade de ensino, com música sertaneja de raiz foi mediada com o trabalho docente, durante dois bimestres letivos do ano de 2018, de maneira a ver a relação campo-cidade. E baseado em Moreira (2011) vemos que essa relação marca a arrumação espacial da sociedade brasileira e sua realidade estrutural. Portanto o espaço geográfico brasileiro demonstra a caracterização social, espacial e cultural marcada por relações locais de campo- cidade que fazem parte do objeto de estudo da geografia do Brasil. Diante do pensamento de Castrogiovanni (2009) esses espaços podem ser representativos. E as representações e construções do espaço de acordo com o autor vem das relações espaciais. Ousamos afirmar que, essas relações espaciais retratam realidade de seu tempo.

Essas realidades de cada espaço como lugar tem memória coletiva que, muitas vezes, é resultado de conjunto de memória pessoal das pessoas do lugar. A memória coletiva e pessoal que tem como vertente a vida cotidiana, traz conhecimento que pode ser instrumento para o ensino e a aprendizagem sobre o espaço geográfico. Esse conhecimento pode estar retratado numa música, que pode tornar-se mecanismo de lembrança, recordação de um espaço, de lugar e tempo. Quando narrado, temos o que Ricouer (2007) enfatiza como uma memória declarativa.

O trabalho mediado pelo professor ancorado nas músicas sertanejas de raiz de maneira metodológica trouxe a memória pessoal e coletiva dos discentes para o processo de aprendizagem de conteúdos e formulação de conceitos da geografia do Brasil.

As ciências sociais, especificamente a geografia, trabalha com conceitos que evidenciam realidades sociais e culturais que são influenciadas e influenciam o meio ambiente e os elementos que o compõe. Esses elementos são objetos de memória e refletem identidades. E como a música, segundo Penna (2014) promove a ampliação do universo de conhecimento do aluno, o processo de ensino pode ser enriquecido com essa linguagem, enfatizando identidade do povo de um lugar. Diante disso, a presente pesquisa teve por objetivo lançar mão de duas músicas sertanejas para o processo de ensino e aprendizagem dos conceitos do campo da disciplina de geografia, especificamente dentro da geografia do Brasil.

A música como expressão humana universal está presente em todos os espaços sociais e carrega riqueza como cultura de informação de acordo com Penna (2014) e Ferreira (2017). Por isso no trabalho desenvolvido no Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo na turma da segunda série do ensino médio do turno noturno, as músicas sertanejas de raiz (Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade) foram utilizadas para retratar a realidade do homem do campo de maneira a fortalecer a identidade relacionando aos temas dos espaços urbano e rural brasileiro.

A memória narrada na música sertaneja de raiz foi vista nesse trabalho como uma maneira de ver o sujeito do campo e os elementos socioculturais que marcam seus diversos espaços, inclusive o de Conceição do Tocantins.

O processo de ensino exige do professor uma habilidade de atuação que apresente uma relação com a realidade vivenciada pelo aluno. A memória de discentes e de seus familiares estimuladas com as músicas sertanejas de raiz desde influenciaram na consolidação de aprendizagem refletida no desempenho escolar na disciplina de geografia.

CAPÍTULO I

1 MÚSICA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DE DISCIPLINAS ESCOLARES

A música é como traço cultural presente na sociedade, muitas vezes descrevendo de maneira a enfatizar situações sociais ou ações culturais. Assim, a música pode ser um mecanismo útil na sala de aula para o ensino de conteúdos na escola. Como a sala de aula está inserida em um meio. Na maior parte esse meio é resultante da ação dos sujeitos que fazem parte do espaço no qual a escola está inserida. A compreensão desse espaço e a relação dele como mundo é necessário. As relações presentes nos espaços são carregadas de lembranças e recordações que colaboram para a construção do conhecimento e refletem a identidade.

A música, a memória de lembrança e recordação e o uso dela na sala de aula como instrumento de ensino para aprendizagem de conteúdo da disciplina de geografia no ensino fundamentaram a pesquisa do uso da música, especificamente o estilo sertanejo como elemento de memória, estímulo de aprendizagem e busca de conhecimento.

Dentre as diversas linguagens de Arte que podem ser lançados mão pelo professor como recurso didático e metodológico no ensino e aprendizagem, a música é um instrumento rico nesse processo. Assim, como retratam as autoras Penna (2014) e Ferreira (2017), a música como expressão humana universal é presente em todos os espaços sociais. Por isso o seu uso pode ser diverso. E somado a isso, Penna (2014) afirma “que alguma forma de música está presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, podemos dizer que é um fenômeno universal” (PENNA, 2014, p.22). Portanto, podemos utilizar propostas musicais no ensino, que em nosso caso, no ensino da geografia, onde a compreensão das relações do espaço social é fundamental para construção de conceitos.

O uso da música nas salas de aulas em diversas disciplinas no aproveitamento de sua letra para destaque ou recorte de algum conteúdo, a canção associada a isso pode possibilitar ao professor mecanismo de trabalho com o aluno que amplia a dimensão da aprendizagem. A aprendizagem pode por meio da música, da letra e da melodia, ampliar dimensões que ultrapassarão a simples absorção de conceitos. Pois o uso da música cria momento na sala de aula para crescimento do diálogo, do repensar, do associar a vivência, a memória pessoal e coletiva de espaço e de tempo através das lembranças e da recordação. Essas memórias

estarão ligadas a um contexto temporal de elementos que as caracterizam. Pois, baseado em Penna (2014) a música realiza de modos diferenciados, concretiza-se diferentemente, conforme o momento da história de cada povo, de cada grupo.

Cada povo, cada grupo carrega conjunto de memórias que quando são de um mesmo espaço (lugar) são preenchidas de pontos comuns que geram a memória coletiva. De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva reúne lembranças individuais de acontecimentos que tiveram lugar na vida do grupo. Ela se reconstrói a partir de pontos de contatos entre as memórias individuais dos que compõem o grupo. Como afirma o autor: “ É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuar a fazer parte de uma mesma sociedade ” (HALBWACHS,1990, p.34).

Baseado nas ideias de Silva e Mendes (2012), a música faz parte do dia-a-dia das pessoas e, além de movimentar o corpo ela movimenta ideias, portanto pode promover discussões educativas que levem a aprendizagem escolar. O professor ao utiliza a música na sala de aula, ela deixa de ser objeto de lazer e torna-se instrumento para uma ação pautada em objetivos intelectuais. Como comentam essas pesquisadoras, isso passa a ser uma ação intelectual, onde a música usada como suporte pedagógico de ensino possibilita perceber através das mais variadas produções, as alternâncias de comportamentos e memórias de uma sociedade.

A música faz parte da vivência social e do viver individual das pessoas. Dentre diversos papéis ou identidades assumidas pelos sujeitos na sociedade em que está inserido como nos aspectos religioso, moral, profissional, dentre outros a música se faz presente com elementos em sua composição ligados ao ambiente espacial e temporal. Concordando com Stuart Hall (2006), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas. Essas identidades são compostas de acúmulo de conhecimentos adquiridos nos diversos momentos das relações entre os indivíduos e são produzidos por eles. A música, que é uma arte, é produção de conhecimento que pode interferir e, é interferida pelas identidades dos sujeitos de uma época.

A palavra música vem do grego – “*mousikê*” - e designava, juntamente com a poesia e a dança, a “Arte das Musas”, sendo considerado um meio de alcançar a perfeição. O valor formativo da música para o ser humano é evidente na pedagogia da música ao longo da história. Como a música no ato de ensino para aprendizagem escolar possibilita ao educador

também ser contribuidor da formação dos discentes que façam parte do processo educacional. A música pode assim ser instrumento metodológico no ensino dos conteúdos a serem ministrados em algumas aulas, no caso desta pesquisa, da geografia. Assim traz abertura para o aprofundamento do diálogo entre docente e discentes e possibilita uma alternativa de comunicação para a aquisição de mais conhecimento. E na relação de ensino e aprendizagem a música pode ser instrumento metodológico para ensino dos conteúdos a serem ministrados durante a aula. Pois como afirma o autor Ferreira (2017) “a principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de segundo caminho comunicativo que não o verbal mais comumente utilizado” (FERREIRA, 2017, p.13).

A música traz abertura para aprendizagem de questões próprias da disciplina para qual ela é utilizada. A música selecionada para o ensino numa determinada disciplina traz relação com o assunto que compreende o conteúdo ministrado. Pois de acordo com as ideias de Ferreira (2017), com a música o educador pode despertar e desenvolver sensibilidade no aluno para questões que pode ser relevante na compreensão da disciplina ensinada.

Na disciplina geografia no ensino médio em conteúdos que abordam questões econômicas e sociais com características demográficas brasileiras do século XX a música é um recurso que poderá facilitar a construção do conhecimento da geografia do Brasil. Assim, quando afirmamos que a música traz abertura para questões que fazem parte de uma disciplina é porque ela está presente nos diversos momentos históricos dos povos. Cada momento histórico de um povo pode caracterizar a música desse período. Muitas canções criadas em seus períodos foram estimuladas por acontecimentos socioeconômico, políticos, culturais onde estes podem estar presentes na letra da canção e / ou no seu estilo. Algumas músicas no seu tempo de criação refletiam situações do seu momento e do lugar.

A música em melodia e letra pode trazer na sua composição elementos de caracterização de cada momento que retratam o tempo presente. As caracterizações são, muitas vezes, são materiais musicais. Pois, a música realiza-se de modos diferenciados, conforme o momento da história de cada povo, de cada grupo social. A exemplo da música brasileira sertaneja de raiz que na maioria das vezes traz em suas composições narrativas do período de vivência se seus criadores. E, também no seu estilo próprio traz característica muito peculiares de um Brasil rural das primeiras décadas do século XX.

Algumas músicas sertanejas de raiz trazem narrativas de vida e de realidades e situações sociais onde o professor pode abordar certas realidades brasileiras, diante disso a música pode auxiliar no processo de ensino.

O professor que ensina utilizando a música como recurso didático e metodológico, estar lançando mão de um material que contém informações ordenadas de um momento histórico. Essas informações são carregadas de traços culturais que são construídos caracterizando cada época de sua origem e demonstrarão memória de povos ou grupos sociais. Isso, será um instrumento para ser utilizado em sala de aula porque é uma linguagem comunicativa carregada de traços de memórias e de comportamentos de uma época. Para a geografia a música possibilita uma maneira do aluno articular a narrativa musical, seus elementos descritivos com conceitos e conteúdos do cenário brasileiro trabalhados nesta ciência. Pois, baseado nos conceitos de Penna (2014) que coloca a música como atividade essencialmente humana, que tem intencionalidade, criatividade na sua construção e com ela o homem constrói significação na sua relação com o mundo. Assim o uso da música, como as sertanejas de raiz auxilia na fundamentação de conteúdos escolares de maneira mais concreta.

A música concebida em momentos históricos que carrega desses momentos identidades na sua poética e formatividade, pode ser recurso didático que enriquece a aprendizagem de conceitos relacionados a valores humanos diante da visão capitalista, como respeito a identidade através da memória, que se tornam expressivos e significativos na formação humana discente.

Segundo Penna os sons possíveis de serem captados pelo ouvido humano, possíveis de serem produzidos por cada grupo social “seleciona material musical que está num determinado momento histórico” (PENNA, 2014, p. 22). A origem musical de uma canção ocorre num momento com caracterizações culturais daquele momento presente que pode se fazer existente na música. E assim a música traz aspectos socialmente compartilhados de grupos humanos. Ainda de acordo com o pensamento de Penna (2014), a linguagem culturalmente construída tem significação para as pessoas. Pois como relata Ferreira (2017) nas suas ideias, são os grandes artistas que conseguem e que melhor sabem traduzir o sentimento das pessoas de uma geração, sendo a expressão desse sentimento como um retrato de uma época.

A música como fenômeno universal e como linguagem culturalmente construída, de acordo com Penna (2014), é um elemento que está presente nos grupos humanos de maneira ampla, com significações relevantes para sujeitos que compõe cada grupo. A autora declara que a significação de uma música no grupo não é homogênea. Penna afirma que pela música ser um fenômeno universal e não uma linguagem universal, a intensidade e valorização dela não é igual para todas as pessoas e todos os grupos humanos. Assim ela afirma “Se a música fosse uma linguagem universal seria sempre significativa - isto é, qualquer música seria

significativa para qualquer pessoa -, independentemente da cultura, e, desse modo a estranheza em relação a música do outro não existiria” (PENNA, 2014, p.24). A autora coloca a música como fenômeno universal em relação a arte e como linguagem é um fenômeno cultural construída carregada de significação. Essa significação não é necessariamente homogênea quanto a intensidade e valorização. Mas os gêneros e estilos musicais trazem elementos socioespaciais que estão presentes na música e que retratam épocas. Diante disso a música pode ser instrumento de facilitação do ensino e da aprendizagem de conteúdos da geografia brasileira que retratam condições de vida, como o do homem do campo, presentes em canções sertanejas de raiz. Isso na sala de aula pode ser instrumento de facilitação do ensino de conceitos. Já que a música, segundo Penna (2014), é fenômeno histórico social.

A compreensão da música e a sensibilidade a ela estão dentro de padrões culturalmente compartilhados, de acordo com o pensamento Penna (2014) e, isso pode ser pela vivência no contato cotidiano, pela familiarização ou também pela escola.

A sensibilidade pela música pode ser compartilhada e aprendida em vários espaços sociais. O professor em sua sala de aula pode estimular o interesse dos alunos pelo áudio e letra de uma música que usará como recurso didático ou instrumento metodológicos de ensino nos conteúdos de uma disciplina.

Também poderá levar a relacionar com modo, padrão e caracterização socioespacial e temporal da sociedade. A autora Maura Penna (2011), na introdução da obra pedagogias em educação musical declara que para qualquer área do saber é a forma e modo de ensinar que deve atender aos interesses dos alunos e da turma. Com isso o professor na área de geografia do Brasil trabalhando com conteúdo de caracterizações socioespacial e temporal da sociedade brasileira e pode usar a linguagem musical para induzir reflexão e motivar a aula. E assim, ensinar com a linguagem musical questões que merecem destaque para assimilação e reflexão discente, onde este construirá potencialidades no seu próprio processo de conhecimento, vendo e dando sentido à aprendizagem. A música como recurso didático, possibilita mensagem verbal e estímulos por meio das suas melodias.

Para Ferreira (2017) o professor deve fazer uso da letra da canção e, também trabalhar com aspecto musical da melodia. O trabalho só com a letra da canção sem a melodia, segundo o autor seria uso incompleto, “seria como falar de um corpo esquecendo-se da alma, ou vice-versa” (FERREIRA. 2017, p.39). Isso demonstra o quanto a melodia junto com a letra poderá

influenciar na aprendizagem de conteúdos da disciplina que o professor identifica na música selecionada.

O professor direcionará seu trabalho considerando características de cada canção pertinente aos conteúdos da disciplina. Esses conteúdos estão contemplados na linguagem da canção, onde essas podem trazer mensagens verbal clara, com características de situações de ambientes que são pertinentes ao conteúdo abordado na aula. A exemplo disso podemos apontar os cenários descritos em algumas músicas sertanejas de raiz. Este estilo musical vai ao encontro de aspectos que são trabalhados na geografia do Brasil, no cenário da primeira metade do século XX e primeiras décadas da segunda desse século.

Destacamos que a difusão cultural nos dias de hoje é ampla e a música se torna diversificada quanto a formas e estilos. Como afirma a autora Penna:

Atualmente, numa sociedade urbana e industrial, onde a difusão da cultura é muito mais intensa, rápida e diversificada do que em outros momentos e outros espaços, está a princípio à disposição dos indivíduos um universo musical extremamente amplo e rico, formado pela música de diversas épocas, diferentes formas e estilos (PENNA. 2014, p. 36).

Então de acordo com o que a autora diz, podemos afirmar que o professor tem um acesso mais prático de acervo para a organização de um planejamento de sua aula incluindo a música com escolha de canção pertinente ao objetivo do seu conteúdo. Numa canção ou nas canções utilizadas pelo professor para focalização de ideia ou conceito da disciplina lecionada, a letra e melodia poderão dar suporte às suas explicações.

Perante as ideias de Vasconcellos (2004), na sala de aula o professor precisa falar, ensinar, trabalhar com conteúdo dentro de um contexto interativo e, portanto, significativo. É o professor que deve, através de busca de mecanismos, procurar recursos didáticos para garantir maior possibilidade para que o aluno amplie sua construção. Assim afirma ele: “O papel do professor, portanto, é ajudar a mediação aluno-conhecimento-realidade” (VASCONCELLOS, 2004, p. 42).

A música para trabalhar com um determinado conteúdo pode apresentar pontos de vista distintos ou semelhantes na sua letra e melodia que podem ser instrumento para o ensino onde o professor pode explorar.

Os conteúdos da disciplina de geografia do Brasil precisam estar ligados com a realidade concreta dos alunos e de suas vivências e a escolha da música a ser somada ao ensino de conteúdos precisa auxiliar uma interatividade na sala de aula. Segundo Vasconcellos (2004) o professor tem o objetivo com o ensino a seus alunos, afirmando que:

O professor almeja que seus alunos possam aprender aquilo que está ensinando – que considera relevante –, que realmente elaborem o conhecimento. Deve, portanto, procurar garantir a construção do conhecimento por parte dos mesmos. Veja que procurar garantir é bem diferente do simples ‘transmitir’ (ainda que com competência) (VASCONCELLOS, 2004, p.39).

Como a escola, com a sua estrutura curricular e no nível de processo pedagógico, valoriza e reforça os padrões culturais (linguagem, comportamentos, interesses), de acordo com Penna (2014) isso pode levar alguns alunos ao fracasso no desempenho, visto que muitas vezes não vivenciam no contexto familiar a maior parte da linguagem e expressões culturais presentes nas aulas. Diante disso a autora afirma que a escola as vezes forma e as vezes exclui o aluno, pois a vivência do aluno quase sempre não faz relação com a sala de aula. “A escola ao mesmo tempo que forma alguns exclui outros...” (PENNA, 2014, p. 38). Penna (2014) afirma também que a escola é “um espaço vivo” (PENNA, 2014, p.42). Portanto é espaço complexo e dinâmico e é produto histórico da sociedade a qual se insere. Como a escola influencia e é influenciada pela sociedade onde está inserida, o professor no dia a dia escolar precisa favorecer a aprendizagem do aluno e assim minimizar possível fracassos no processo de ensino e aprendizagem.

E o professor precisa utilizar intervenções para facilitar o processo de aprendizagem através de mecanismos no processo de ensino, se tornando mediador da aprendizagem. Pois, esses processos embora tenham papéis distintos são concomitantes para efetivação no resultado da aula. É através do processo de ensino que o professor apresenta conteúdos que resultam em assimilação de saberes de modo coletivo e individual. Esses saberes atrelados a memória coletiva ou pessoal quando contextualizados a vivência do aluno auxilia no desenvolvimento crítico e reflexivo. Para isso o professor pode trabalhar com recurso que capte a atenção e ajude a dar significado ao conhecimento, e assim os alunos constroem conhecimento como seres históricos. E baseado em Callai (2011), desencadear processos de compreensão do mundo, considerando o espaço produzido pelos seres humanos é oportunizar aos alunos a capacidade de se entenderem enquanto sujeitos da sua história.

O professor na sala de aula com a bagagem de conhecimento da sua área de formação precisa entender que a transmissão do conhecimento e sua aprendizagem tem que ser construída com significação para o aluno, para que este possa adquirir interesses de aprender, pesquisar, refletir, relacionar, comparar e acumular conhecimentos abrangendo conceitos e situações do processo histórico – social. Dessa forma a visão de mundo do aluno precisa se ampliar, englobando a sua realidade e a realidade do seu espaço social, que traz caracterizações historicamente construídas, carregadas de memória.

Então a música, como já afirmado anteriormente, pode ser recurso que contém informações de momento histórico e o professor pode aproveitar isso. O professor como conhecedor do objeto específico de sua área de atuação deve buscar metodologia de ensino significativa para a transmissão do conhecimento a ser ensinado. O processo de ensino precisa da interação pessoal entre os participantes da etapa de ensino e o processo de aprendizagem para que o aprender se torne mais envolvente e motivador. A música como um recurso acessível, carregada de elementos de memória com caracterizações socioespaciais e temporais permite a interação com saber de diversas pessoas, ou seja, entre os próprios alunos na sala de aula, a experiência do professor, de pessoas do ambiente escolar e da comunidade a qual a escola está inserida.

1.1 Música sertaneja, identidade e cultura

Alguns instrumentos foram construídos recheados de elementos e indícios de situações presentes no espaço. A música é um desses instrumentos que carrega elementos de caracterização de sua época. Muitas vezes, até com composições narrativas de modos de vivências e relações que refletem memória e que podem reavivar memórias. Como a música sertaneja de raiz, tão presente no repertório e estilo do Brasil ao longo da história de seus aspectos socioculturais.

Ao analisarmos as caracterizações das músicas sertanejas de acordo com pesquisadores como Dias (2014) e Zan (2008) nos deparamos com caracterizações de um ambiente que a música sertaneja se originou, cresceu e retrata numa descrição narrativa o homem do campo. Onde muitas dessas caracterizações estão presentes em regiões do sertão de várias áreas do país como cidades de interior e áreas rurais como o estado do Tocantins, onde estão inseridas diversas escolas.

Essas escolas são compostas por alunos que vivenciam juntos aos seus familiares caracterizações do homem sertanejo no dia a dia ou através dos relatos de “causos” de seus familiares. Visto que, muitos alunos vêm de famílias que possuem ligações de vivências com o espaço do campo e outros vivem na área rural e frequentam a escola urbana para o ensino médio. E a vivência, o dia a dia compõe elementos de memória que podem ser narrados.

O gênero musical sertanejo ou música caipira se destaca na maioria dos estados do Brasil, ganhando espaço e notoriedade na vida na “roça”, ou seja, na área rural, do homem do campo. Muito associada a viola e recheada de “causos”, ou seja, relatos da vida na lida (dia a dia no campo) e na vivência com o ambiente naquele espaço.

A música caipira (sertaneja de raiz) foi gravada pela primeira vez em 1929 por Cornélio Pires e se propagou posteriormente por duplas de cantores com voz tenor (mais aguda), nasal e uso acentuado de falsete típico que o prevaleceu sobre o canto solo. Não podemos deixar de destacar o quanto a música sertaneja alcançou diversas modificações do início do século XX até o início do século XXI. De acordo com Melon (2013) a música regional caipira sofreu modificação nos dias atuais, apresenta uma estética totalmente distinta daquela inaugurada primordialmente. Ele afirma: “a classificação do gênero sertanejo do início do século XX para o início do século XXI conseguiu abraçar diversas modificações” (MELON, 2013, p.01).

A música caipira se associou ao termo sertanejo por ganhar o gosto do homem do sertão, que é um termo popular referentes as pessoas de locais afastados das cidades, formando o espaço do campo rural, do sujeito matuto, caracterizado como trabalhador da roça, sem leitura, com poucos hábitos elegantes de civilidade adequado ao meio urbano, sem muito traquejo social.

O estilo musical sertanejo caipira é quase sempre baseado na temática da vida no campo e de traços culturais de identidade como o trabalho, a religiosidade e a comida e a vestimenta e o modo de falar.

Quando nos deparamos com as letras e melodias das músicas sertanejas de raiz vemos o quanto da vivência dos autores ou cantores, desse estilo musical brasileiro estão presentes nessas canções. Falar na memória de relações, com o mundo, vivência, estilo identidade. O Castrogiovanni (2011) afirma que a música, muitas vezes é expressão cultural do espaço vivido. Muitos estilos musicais têm em suas obras verdadeiras descrições e narrações de momentos sociais e de situações vivenciadas onde os artistas fazem relatos verbais e escritos como resultado de uma realidade vivenciada que seria uma espécie de registro da memória.

1.2 Música sertaneja e ensino de geografia

O processo de ensino e aprendizagem na educação básica é um grande desafio, tornando-se muito maior quanto a metodologia de ensino. A necessidade de utilizar recursos e técnicas que possam inovar e colaborar na eficácia da aprendizagem é um desafio para o professor da geografia na Educação de Nível Básico. Há uma busca por metodologia voltada à realidade dos alunos e do currículo selecionado para cada disciplina. Através do processo de ensino, quando o professor apresenta conteúdo da disciplina ministrada, precisa que seja de forma que o aluno assimile os saberes, que auxilie em seu crescimento intelectual, crítico e

reflexivo. Pois de acordo com as ideias de Libâneo (2005), o professor tem a obrigação de planejar, dirigir e controlar o processo de ensino e estimular competências próprias do estudante para sua aprendizagem. Seria o fazer docente mediando a efetiva aprendizagem com facilitação para esse processo, com procedimentos de intervenções do processo de ensinar no modo de aprender. E a música pode ser uma estratégia metodológica que torna o ato de aprender mais interessante.

A música sertaneja de raiz, muitas vezes, com seu ritmo, rimas, retrata realidades cotidianas que estão atreladas a um conjunto de relações sociais e dessa maneira pode facilitar a transmissão de conteúdos geográficos. Como esse estilo musical traz descrições socioespaciais e temporais com narrativas de opiniões, pode assim levar o aluno a construção reflexiva de conceitos ou assimilações de maneira mais coerente e estimulante.

Para o ensino da geografia é necessário metodologia voltada à realidade dos alunos e da escola. Nesse sentido a música é um recurso viável como acesso à diversidade de possibilidade de uso como recurso didático e metodológico. É importante que o professor trabalhe o significado de sua disciplina, mas é preciso captar a atenção, o interesse para participação nas aulas e no processo de ensino, para uma aprendizagem concreta. Diante disso, a música sertaneja de raiz torna-se um significativo meio para o ensino de conceitos e características socioespaciais contemplados na geografia, precisamente na geografia do Brasil. Pois, segundo Moreira (2011) as determinações espaciais do Brasil é espelho de sua sociedade. O autor retrata que a relação homem- espaço- natureza se fez erguer no Brasil uma sociedade rural com as janelas da casa-grande abertas para a entrada dos traços culturais urbanos de um mundo em franco caminho de integração a partir do final do século XVII.

A produção econômica de gado do Brasil do século XVIII descrita por Moreira (2011), destaca a trilha dos bandeirantes em várias áreas que surgiram fazendas e cidade. Como afirma Moreira (2011)

Ao contrário do ir e vir do bandeirante, uma rede de trilhas e povoados permanente aqui e ali se instala com o movimento de ir e ficar do gado. Passo no final a pata do boi pontilha o território colonial de fazendas e cidades que vão se estabelecer nas áreas arbustivo- herbáceas do interior e formar a retaguarda das fazendas de lavoura e engenhos do litoral, e fincar as raízes da organização da interação do espaço entre esses lugares.(MOREIRA, 2011,P.65).

Então todo esse cenário de construção dessas paisagens (fazenda e cidade) tinha uma vivência como modos que resultavam na identidade de um sujeito denominado caboclo que seria o caipira do sudeste e o sertanejo das demais regiões do Brasil. E segundo Moreira

(2011), a cidade a partir da grande economia cafeeira tem no seu espaço o fazendeiro do café residindo de maneira a marcar a relação com o campo. Como afirma:

Entregando a direção da fazenda aos cuidados de um administrador, o cafeicultor fixa residência na cidade, onde vai cuidar de outros negócios. Com isso, cria ele uma forma nova de cidade e de relação entre a cidade e o campo, dentro da qual se põe antes de tudo como uma classe urbana. (MORREIRA, 2011, P.90)

Com isso vemos que é o homem do campo com menos condições econômicas que permanece na fazenda, que fica na lida, com os hábitos estruturados nas condições do ambiente. Diante das ideias de Moreira (2011), esse sujeito abraça condições de vida rural, que mesmo respirando traço de cultura urbana, fica na condição de caipira, sertanejo. E vemos essas condições de vida em diversas músicas sertanejas retratadas, a exemplo das canções Caboclo na cidade e Jeitão de caipira.

A geografia é uma disciplina que abrange o estudo de lugar e global. Isso ocorre de forma interligada onde a construção do conhecimento geográfico pressupõe escolha de mecanismo metodológico. Esses recursos metodológicos devem ir ao encontro dos conceitos da ciência geográfica para garantir a construção de concepção de mundo de maneira mais real dentro da complexidade da vida social.

Dentre as competências e habilidades a serem desenvolvidas em geografia os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que temos que reconhecer no espaço geográfico os processos históricos, afirmando:

Reconhecer os fenômenos espaciais a partir da seleção, comparação e interpretação, identificando as singularidades ou generalidades de cada lugar, paisagem ou território; Selecionar e elaborar esquemas de investigação que desenvolvam a observação dos processos de formação e transformação dos territórios, tendo em vista as relações de trabalho, a incorporação de técnicas e tecnologias e o estabelecimento de redes sociais; Reconhecer, na aparência das formas visíveis e concretas do espaço geográfico atual, a sua essência, ou seja os processos históricos, construídos em diferentes tempos e os processos contemporâneos, conjunto de práticas dos diferentes agentes, que resultam em profundas mudanças na organização e no conteúdo do espaço; Identificar, analisar e avaliar o impacto das transformações naturais, sociais, econômicas, culturais e políticas no seu 'lugar-mundo', comparando, analisando e sintetizando a densidade das relações e transformações que tornam concreta e vivida a realidade (PCN, 1999, p. 69).

Portanto, a geografia que estuda o lugar com suas relações naturais, sociais, econômicas e culturais, que destaca essas relações no âmbito do entendimento, das semelhanças e contradições tem um desafio constante nas suas aulas. Como afirma Callai (2009), “estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no

espaço onde se vive para além das condições naturais ou humanas” (CALLAI. 2009, p. 84). E colaborando com isso, Castrogiovanni (2009) afirma que o estudo do lugar se estende para além do texto e que outros recursos podem ser utilizados para a construção do conhecimento. O autor firma que “é sempre conveniente reafirmar que os conteúdos em si são mais do que simples informações apreendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar” (CASTROGIOVANNI. 2009, p. 89). O texto do conteúdo da disciplina específica, nesse caso da geografia, pode ser acompanhado de recurso metodológico como a música para auxiliar na construção do pensamento. Pois a aprendizagem de conteúdos, a construção do pensamento pode ser auxiliada por princípios metodológicos de acordo com a afirmação de Callai: “O processo de ensino-aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos” (CALLAI. 2009, p. 92). E a autora quando afirma, isso dentro dos princípios metodológicos de uma aula de geografia, deixa claro que se considere a aprendizagem como um processo do aluno e as ações que se sucedem devem ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo.

O processo de ensino e aprendizagem na educação básica é um grande desafio, se tornando muito maior quanto a metodologia de ensino. A necessidade de utilizar recursos e técnicas que possam inovar e colaborar na eficácia da aprendizagem é um desafio para o educador da geografia na Educação de Nível Básico.

Como a sala de aula hoje precisa atrair a participação do aluno numa espécie de disputa com atrativos de comunicação que muitas vezes chamam a atenção e distraem, o professor precisa de estratégias que não só proporcione estímulo para a aprendizagem, como também facilite esse processo. Assim o professor precisa, na sua ação docente, um planejamento que contemple ação eficaz com instrumento que facilite a sua prática envolvendo os conteúdos a serem contemplados. É necessário que o professor tenha sua prática planejada numa ordem sequencial com coerência e flexibilidade que atinja objetivos propostos, pois segundo Callai (2011), o professor tem que pensar a sua prática e exercitar a sua função docente para além do compromisso funcional a que se habilita com a titulação de licenciado.

Há uma busca por metodologia voltada à realidade dos alunos e do currículo selecionado para cada disciplina. No ensino da geografia é necessária metodologia voltada à realidade dos alunos e da escola. Nesse sentido a música é recurso viável no sentido do acesso e da diversidade de uso como recurso didático e metodológico. Diante disso a música sertaneja de raiz, torna-se um significativo meio para o ensino de conceitos e características socioespaciais contemplados na geografia. Precisamente na geografia do Brasil, pois quando

abordamos conteúdos relacionados os aspectos naturais, humanos e econômicos e a relação entre eles, principalmente a partir do século XVIII e início do século XIX os aspectos da vida nessa relação. A música sertaneja de raiz pode ser encaixada na extensão da análise crítica do que podemos chamar de Brasil rural e urbano. Portanto a geografia estuda o lugar com as suas relações sociais que destaca essas relações no âmbito do entendimento das semelhanças e contradições se tornando um desafio constante nas suas aulas. Concordando com Callai (2009), essas semelhanças e contradições estão presentes nos diversos cenários brasileiros e estão além das condições naturais ou humanas.

Muitos traços de caracterização socioespacial são refletidos em criações e produções humanas resultantes de traços de vivência do lugar. A música sertaneja de raiz traz esses traços que demonstra modo de vivência do sujeito do campo e de centros urbanos e a relação de vivência com esses lugares. Concordando com Castrogiovanni (2001), quando afirma que “a música pode ser uma das formas mais interessantes de conhecermos um povo ou uma cultura e, portanto, um lugar” (CASTROGIONANNI. 2011, p. 48). Entender, voltar o olhar para o lugar do aluno e possibilitar o conhecimento de maneira a relacionar situações cotidianas a relações globais é criar condições para produção do conhecimento e da história. Baseado nas ideias de Milton Santos (1996), cada lugar é o mundo e a história concreta do nosso tempo e assim cada lugar se coloca numa posição central. Isso demonstra que cada lugar pode ser o centro de partida para compreender as condições naturais e as relações humanas.

Alguns elementos narrativos, como a música sertaneja de raiz pode conter representação de espaço construído resultante da história das pessoas. Isso significativamente pode ser recorte de espaço e de tempo onde estimulam traços de memória que o estudo do lugar pode incentivar. Estudar o lugar é também conhecer histórias que, não estão isoladas. Callai (2009) deixa claro que a compreensão do lugar de vivência traz conhecimento do que acontece nesse espaço interligado a outros. Para isso afirma que:

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mais por hipótese alguma é isolado, independente. (CALLAI, 2009, p. 84).

Quando vemos trechos das canções sertanejas Jeitão de Caipira e Caboclo na cidade nos deparamos com narrativa do sujeito do campo que tem uma relação com o lugar refletindo uma afetividade que mostra resultado de construção de espaços (rural e urbano). “Vou voltar pra minha terra... Vou viver lá onde é bom...” (Liu e Léu. Jeitão de Caipira. 1984), “No

triângulo mineiro onde eu tinha o meu ranchinho. Eu tinha uma vida boa...” (Dino Franco e Morai. Caboclo na cidade) muito dessa narrativa vai ao encontro da realidade de alunos e seus familiares de Conceição do Tocantins. Demonstra muito do Brasil rural e o processo de intensificação da urbanização e o aumento do êxodo rural depois da década de 1930. E as canções sertanejas de raiz afloraram com bastante intensidade com narrativas que demonstravam o processo socioeconômico do país, a dificuldade que as camadas populares enfrentavam. Onde a própria vivência era elemento de composição com criatividade nas letras da música e, também estímulo e alternativa de organização cultural e as vezes de sobrevivência. Como afirma Tinhorão (2010):

... da fase de transição da economia pré-industrial manufatureira, para a da moderna indústria, ... as camadas populares urbanas mais baixas viviam no mesmo período histórico, um dinâmico processo de grande riqueza criativa. Levados pela natureza excludente da economia a viver por si, os componentes das camadas mais pobres (trabalhadores não qualificados e subempregados em geral) passaram a organizar-se culturalmente para si (TINHORÃO, 2010, p. 275).

E a música popular sertaneja de raiz retrata situações que podem ser usadas na sala de aula como mecanismo para o ensino de conteúdos da geografia e estímulo para participação dos alunos nas aulas através do incentivo na busca da memória do lugar. Associando a caracterização de lugares diversos. A música sertaneja de raiz traz imagem de significação de lugar que está atrelado totalidade das relações desse lugar com o mundo, pois cada lugar é parte de um todo. Segundo Castrogiovanni (2009), “cada lugar é sempre uma fração do espaço totalidade e dos diferentes tempos, portanto, na busca da compreensão dos lugares há necessariamente o trânsito pela totalidade” (CASTROGIONANNI, 2009, p. 15).

Por meio da música sertaneja, com narrativas de vida nas letras que caracterizam o lugar, o professor pode problematizar propostas reflexivas sobre o local e relacionar/interligar com o global destacando as relações que existe em espaço e os demais espaços. O Espaço local possui traços que caracterizam o tempo presente do que podemos chamar de dias de hoje e, carrega elementos do ontem (passado) que perfazem essa caracterização contemporânea. O professor pode instrumentalizar sua aula através da música e levar o aluno a relacionar e identificar esses traços e elementos. Essa possibilidade dará meios para perceber a continuidade e a transição de elementos que caracterizam modos de vida da sociedade. Os elementos presentes que dão a sociedade uma identidade podem ter continuidade através de uma periodização do tempo no espaço, podem sofrer metamorfose ou podem deixar de marcar o tempo presente. A desapareição no presente de alguns elementos que tornam, o existencialismo humano tão ontológico, tornam-se ausente, porém existentes no passado.

De acordo com o pensamento de Ricouer (2007), a representação de alguma coisa historicamente é uma imagem presente de uma coisa ausente. O autor destaca que o ato de se lembrar (*mñemoneuein*) só ocorre após transcorrido um tempo. Esse tempo foi vivenciado por conjuntos de pessoas que guardarão na memória lembranças que recordadas, muitas por estímulos, trarão conhecimento informativo sobre o lugar. O referido autor declara em suas ideias que a lembrança (*mñeme*) e a recordação (*anamnesis*), que fazem parte da memória ontológica se distingue por duas características, a lembrança sobrevém como afeição e a recordação como busca ativa a lembrança nos vem a memória como uma consequência de sermos afetados por algo que estimula sua existência. A recordação vem numa busca ativa, após mudança transcorrida no tempo e no espaço. Se a lembrança advém após um estímulo, a música carregada de elementos do seu tempo colabora para o surgimento da lembrança. A música se torna uma estimulação externa à lembrança. A estimulação à lembrança evocando o passado na memória em forma de imagem gera um valor efetivo que servirá para a valorização e ligação ao momento. O professor usando a música para a sala de aula poderá estimular o interesse pela história, fatos e conhecimentos.

Complementando esses conceitos com a ideia de Stuart Hall, as identidades sociais estão sujeitas a constante processo de mudança e transformação. Isso demonstra que as identidades estão sujeitas a uma historicização, onde as ideias de Ricouer (2007) são relativas as condições históricas, que leva as indagações sobre as ideias de verdade, de bom, de justo não tendem a se transformar de acordo com os elementos culturais que compõem cada período temporal historicizado. Para que o aluno compreenda que isso leva a representação e demonstração da identidade de determinada maneira no espaço temporal que está carregada de elemento que podem ter desaparecido, porque estavam ligados ao contexto, o professor terá um papel fundamental.

Segundo Ricouer (2007), a recordação de um acontecimento da vida passada, não é imaginação é um dado presente no passado. Quando isso ocorre o tempo presente pode ter ocorrido mudanças. Segundo o autor “num sentido geral, ‘os atos de recordação se produzem quando uma mudança (*kinênsis*) sobrevém após outra’” (RICOUER. 1913, p. 37). Para conhecer essas mudanças através do reconhecimento um suporte material pode induzir a identificação. Esse suporte para estimular a lembrança e a recordação, que Ricouer determina como fenômenos mnemônicos, pode ser a letra de música. Como afirma Ricouer (2007), um acontecimento que nos marcou permanece conosco e o reconhecemos. E esse reconhecimento pode vir com o estímulo da memória, pois de acordo com Ricouer (2007) “o reconhecimento também pode apoiar-se num suporte material, numa apresentação figurada, retrato, foto, pois

a representação induz a identificação com a coisa retratada em sua ausência” (RICOUER, 2007. p. 437). Diante do suporte material que estimule o reconhecimento não é garantia de recordação total de acontecimentos preterizados e presentes na efetivação da lembrança. Pois a identidade social é sujeita a transformações que podem manipular a memória.

Como analisa Ricouer (2007) diante do pensamento de Locke “...tudo o que constitui a fragilidade da identidade se revela assim oportunidade de manipulação da memória, principalmente por via ideológica” (Ricouer.1913, p. 455).

A música sertaneja de raiz pode em sua narrativa ter sido resultado de uma recordação seletiva de lembranças usada na linguagem musical. Por ser um gênero textual delimitado, o contexto dos elementos, do cenário declarados em suas letras não abarcaram por completo o lugar e vivência retratada. Porque a vivência retratada em alguma narrativa é, muitas vezes, uma escolha ordenadas de acontecimentos lembrados. Assim declara Ricouer (2007):

De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exaustiva é uma ideia per formativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva (RICOUER, 2007, p.455).

A dimensão seletiva da memória tem uma relação com a afetividade. Essa afetividade que traz lembrança colabora no discurso da linguagem cultural que é retratada na letra da música sertaneja de raiz. Pois a música sertaneja de raiz traz uma linguagem declarativa numa espécie de discurso resultante da seleção da memória pronunciados pelo autor.

Ricouer afirma em relação a memória dita que “em sua fase declarativa, a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo” (RICOUER, 2007.p.138). Esse discurso da memória, a lembrança pode ser pronunciada na letra da música.

Na memória declarativa presente na letra da música sertaneja vemos traços da existência do sujeito do campo como ser histórico. Um sujeito assim ligado o seu contexto espacial e temporal e podemos afirmar que essa ontologia do ser pode ser trabalhado na aprendizagem da geografia do Brasil através do estímulo da memória dos lugares.

Nisso vimos, perante as ideias de Ricouer como a ontologia do ser histórico, que quando a epistemologia da operação historiográfica beira os confins desta, chega no seu limite interno. O momento explicado pela representação da lembrança no texto musical, diríamos narrativo, se mostra como uma explicação do vivido, que está presente na memória pessoal e se limita com a validade da representação oficial da ciência histórica. É a existência do sujeito que marca a história do lugar. E quando buscamos a história nos limitamos com a memória.

Mas o conhecimento dessa história ontológica precisa ser estimulado. Esse estímulo material como a letra da música precisa ter relação com o contexto histórico.

A música sertaneja de raiz no seu estilo próprio, que entrou esteticamente no enquadramento do que é chamado de caipira, pelos elementos que forma sua linguagem narrativa e pelo estilo melódico, muitas é história de um lugar e nem sempre é improvisação imaginária, pois retratam cotidianidade. Ao escrever a narrativa numa composição musical seria o que Ricouer (2007) chama de memória declarativa, pois a letra demonstra ali uma escolha de acontecimentos, lembranças que muitas vezes afetaram mais o sujeito. De acordo com Ricouer a narrativa composta é uma dimensão seletiva. As músicas sertanejas de raiz, Caboclo na Cidade e Jeitão de Caipira, narram modo de vida do sujeito do campo, ligado a um período do Brasil onde o processo de industrialização e urbanização interferiram bastante nos traços de identidade desse sujeito.

Nesse sentido, geraram memória individual. As lembranças e recordações na memória pessoal, seletivamente se representa na linguagem de maneira afetiva, onde alguns elementos são presentes na memória, onde estes ao serem representados na canção não ficaram no esquecimento. Pois a memória declarativa não abrange uma dimensão holística, não consegue fazer ação narrativa por completo. Para isso Ricouer diz que “Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”. (RICOUER, 2007, p. 455). O sujeito não consegue, mesmo tendo vivenciado um presente que se preterizou recente, não é capaz de lembrar-se tudo e poderíamos ousar dizer que não caberia todas as lembranças de uma vida registradas, representadas numa canção, como a exemplo de uma moda sertaneja. Mas diversos elementos no texto da música refletem características de um local e suas relações. Assim, a música sertaneja de raiz é um instrumento carregado de recordação e lembrança ela pode ser causa para buscar ou trazer à memória algo que aconteceu. Como afirma Ricouer (2007), a lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, ou seja, surgiu por uma causa, após algum tempo do acontecido. E a recordação consiste numa busca ativa após uma mudança que sobreveio após outra.

Essa representação pode estar na música quando em sua composição há uma narração de cotidianidade. Essa representa o modo de um povo viver no seu lugar como consequência da relação desse lugar com o global, pois, embora que a relação social desse lugar se transforme, elas existem no passado. Segundo Ricouer as coisas que estão no passado lá são existentes. Assim afirma que “a própria coisa ausente desdobra-se em desapareição e existência no passado. As coisas passadas são abolidas, mas ninguém pode fazer com que não tenham sido...” (RICOUER, 2007, p. 294). Embora alguns elementos que compunham ou

caracterizavam o espaço local em tempo passado tenham se modificado, se transformado ou desaparecido no presente, a sua existência no passado é certa, e isso se torna presente na memória do sujeito através da lembrança e da recordação, onde o ausente, total ou parcial, materialmente no tempo presente se torna existente na memória de forma íntegra e, portanto, imagem presente na recordação.

Estudar as sociedades é se deparar com mudanças constantes e que se tornam passado muito rápido. Com as ideias de Silva (2014), baseado no pensamento de Woodward as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente.

As ferramentas metodológicas precisam ser, além de estimulantes no processo de aprendizagem, serem coerentes na explicação e demonstração de argumentos que evidenciem o período a ser englobado durante a aula. A música sertaneja de raiz brasileira corresponde a isso como instrumento que carrega elementos que estavam presentes no contexto de sua época. Ela retrata vivências, modos de relações que representam traços de memórias. Essas músicas demonstram lembranças e levam às recordações.

A música traz elementos na composição de letra e melodia que podem estimular a lembrança e a busca da recordação do espaço vivido. Como afirmam alguns autores “a música é, muitas vezes, a expressão cultural do espaço vivido” (ROSSATO; CÂMARA; LUZ, 2011, p. 48). Esse espaço vivido é o que dizemos, cronologicamente e culturalmente dentro da historicidade como um período de tempo e contexto e geograficamente como espaço-lugar, onde é parte da memória do sujeito. A música sertaneja de raiz é um suporte material que traz a representação da memória, pois declara na letra uma narrativa, muitas vezes, espaço vivido.

Nessas narrativas existe revelação de momentos que estão na memória e se externam na letra da música narrando vivências, impressões que foram selecionadas para comporem a canção. Claro, que não há na letra tudo do contexto vivido pelo sujeito, autor da canção sertaneja de raiz, pois na narrativa vai muitas vezes, opção pelo discurso e uma linguagem que é resultado de uma seleção de memória.

Os elementos que foram selecionados para estarem na letra da canção sertaneja de raiz trazem muito de características históricas temporal que revelam a cultura e traços de identidade do Brasil de economia pré-industrial e recém industrial presentes na primeira e início da segunda metade do século XX.

Quando se analisa essas características no modo de vivência do sujeito brasileiro se vê que elas estão presentes em diversos lugares do país. A própria saída e automatização da indústria frente ao campo mencionada por Moreira (2011), no Brasil de 1920 a 1950 e nessa

interface, entre os universos da fazenda e da cidade que a indústria nasce e cresce, como afirma ele, que modos de vivência se adjetivaram. Houve e ainda há uma integração no mundo, com a industrialização, entre cidade e fazenda que caracterizam as relações sociais. Moreira (2011) defende que não se trata de um mundo novo e, sim de que o mundo industrial integra fazenda a cidade. Assim, as músicas sertanejas de raiz trazem narrativas que declaram modos de vida de ambos espaços. Essas narrativas advindas de recordação e lembranças, como resultado das etapas temporais vividas pelo sujeito que fez parte do lugar traz impressões afetividades resultantes de sua percepção armazenada na memória. E essa memória é ligada a afetividade que influencia na percepção, assim também afirma Castrogiovanni: “a percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado também de relações de afetividade e referência sociocultural” (CASTROGIOVANNI. 2009, p.80).

Quando nos deparamos com a letra da maior parte das músicas sertanejas de raiz vemos um relato, muitas vezes, um roteiro narrativo de vivência que demonstra saudosismo, (afetividade) no pronunciamento da vivência. A narração nas letras das músicas é ligada ao sujeito e dos seus próximos e ao espaço que está inserido e /ou do momento vivido num passado temporal não tão longínquo. A exemplo das canções Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade. Trechos presentes nessas músicas mostram o relato de memória, com descrições saudosas de um lugar de vivência que está na lembrança. Assim contatamos a ideia de Penna (2014), onde música tem função expressiva ligada a tempo histórico e a espaço social. Então quando vemos na música sertaneja de raiz a expressividade constatamos a memória declarativa num texto que retrata um lugar ligado ao sujeito. Não apenas como um relato descritivo do momento vivido, mas diríamos uma interpretação de uma realidade

A expressividade da música sertaneja de raiz ligada a tempo histórico e espaço social traz nela, sedutoramente a representação de um espaço cotidiano vivido por um sujeito que mediatiza sua relação com o meio natural e com o espaço do campo (fazenda/roça). A relação é marcada por um modo de vivência que conjuntamente com outros sujeitos próximos caracterizam uma identidade. Isso estabelece uma identificação e consciência de si, do próximo e dos outros. Onde esses outros podem fazer parte de um espaço com elementos e alguns modos de relações que não pertencem ao meio desse sujeito do campo, como é o caso do meio urbano. Um meio urbano que nas músicas sertanejas de raiz, Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade são descritos como um espaço que não vai de encontro à identidade do sujeito do campo. Portanto, esses sujeitos não se identificam naquele espaço, não se sentem parte dele, segundo Callai “[o] conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço constituem a sua identidade”. (CALLAI.2009, p. 119). As características

que compõe o conjunto de aspecto de um espaço revelam sua identidade e dos sujeitos que pertencem a tal espaço.

A vivência cotidiana, em determinados espaços são regidos por uma rotina que faz parte da identidade do sujeito e das características adjetivas que revelam uma identificação do espaço. Nos trechos da canção sertaneja Caboclo na cidade, a rotina do modo de vida do espaço rural e do espaço urbano demonstram, muitas vezes, uma não aceitação e uma não adaptação do sujeito ao espaço considerado cidade. Quando Moreira (2011) afirma que cidade e campo aparecem como espaços funcionais, economicamente individualizados e que são inter-relacionados como entes em intercâmbio demonstra que são espaços com arranjos de vivência diversificados. Esses dois espaços nas suas relações se mostram nos seus elementos constitutivos diferentes. Ruy Moreira define isso muito bem quando afirma que “é quando, então, fazenda e cidade se fundem e ao mesmo tempo se separam e se diferenciam” (MOREIRA, 2011, p. 112). Esta fusão e esta separação em aspectos socioeconômicos e históricos são vistas nas regras de andamento desses espaços. A vida desses espaços é regularizada e normatizada por modos de vivência que indicam diversidades que levam a identidade de cada um. A cidade tem características e normas culturais de vivência que nem sempre agrada ao sujeito advindo do campo retratam algumas canções sertanejas de raiz. E somado a isso Callai (2009) declara que:

A cidade, como um lugar de concentração da população, é o espaço, via de regras, onde as relações humanas acontecem de maneira mais acentuada, mais intensam, mais complexa. A cidade distancia os homens da natureza e cria e recria condições novas de relação entre eles (CALLAI, 2009, p.127).

As características estruturais e os modos de relações sociais dos espaços campo (fazenda) e da cidade são descritos em diversas músicas sertanejas de raiz, como Jeitão de caipira e Caboclo na cidade. Essas características são encontradas descritas nas letras das músicas, evidenciando uma maneira de vida, uma rotina de vivências do sujeito que mostra uma satisfação, talvez advinda do cotidiano rotineiro, que gera um certo conformismo, que acompanha a mesmice diária do ambiente de convívio do campo. Tudo isso gera nas pessoas desse lugar o que Callai (2009) considera de vínculo afetivo de ligação das pessoas aos lugares. Esse vínculo aparece claramente nas letras das músicas sertanejas de raiz. O lugar como espaço de vivência humana, segundo Santos (1988) e Callai (2009), combina elementos de tempos diferentes e mostra uma imagem traduzida em paisagem que representam as relações de vivência do momento. Essa relação não é estática, senão na sua expressão do momento, do presente.

Essa representação do momento presente do lugar, pode ser retido na memória após o momento vivido no instante presente. O lugar, que nas suas relações não é estático, após o momento presente, pode com a lembrança ou recordação no âmbito da memória ter a imagem representada na letra da música. E a música sertaneja de raiz, podemos afirmar, é uma espécie de narrativa de lembranças ou recordação. É a representação de um momento, que muitas vezes, utiliza um estilo de linguagem dentro da língua

A lembrança e a recordação se manifestam em imagem na memória representando uma coisa ausente, tomando-a presente numa maneira de evidenciar o pertencimento do sujeito, ou seja, a participação ou presença no acontecimento. Isso pode se externar na forma de representação da imagem na narrativa, numa memória declarativa como o que se vê nas letras das músicas sertanejas de raiz Caboclo na Cidade e Jeitão de Caipira. O pertencimento ao campo como espaço de vivência é constatado na música, como representatividade da memória. A imagem da lembrança ou da recordação presente na música seria o que Castrogiovanni (2009) chama de espaço representativo, que é construído na ausência do objeto, reflexivamente. Essa representatividade do espaço realizada de maneira individual através da memória.

CAPÍTULO II

2 A GEOGRAFIA E O ENSINO DA RELAÇÃO CAMPO E CIDADE.

2.1 A renovação do ensino de geografia

A geografia como ciência e as abordagens de seu conhecimento são ao longo de vários períodos históricos resultantes de várias correntes de pensamentos. Mas segundo Lencioni (2001), o pensamento científico moderno, inspirando na filosofia iluminista e no idealismo alemão interferiu na maneira de analisar e interpretar natureza e sociedade. E a geografia sob a inspiração iluminista assentada na razão e na experimentação formulou conceitos gerais e com a perspectiva idealista valorizou as particularidades do espaço geográfico como região baseada no idealismo Kantiano. Pois assim afirma a autora:

O conhecimento geográfico se conformou como ciência no momento em que – sob a inspiração iluminista, com sua visão de mundo assentada na razão e na experimentação- buscou a formulação de teorias e conceitos gerais que possibilitaram a construção de generalizações e abstrações. Com a perspectiva idealista questionando a razão infinita e demonstrando seus limites, valorizou-se o particular (LENCIONI. 2001. P. 188).

As autoras Costa e Moreira (2016) analisam a produção científica da Geografia, que segundo elas, se fez desde últimos 3 mil anos com acúmulos de conhecimento de origem empírica como científica. Desde cartas e descrições até a institucionalização da Geografia através de Associações e academias europeias, a partir das grandes descobertas marítimas, o conhecimento geográfico enfrentou mudanças.

Ensinar geografia na contemporaneidade exige uma concepção pedagógica centrada na seguinte afirmação: “Ensinar geografia significa compreender o mundo, suas transformações e representações sociais em suas múltiplas dimensões da realidade social” (COSTA E MOREIRA, 2016, p.21). Mas quando analisamos a Geografia como Ciência a partir do final do séc. XVIII, ela apresenta mudanças nos estudos geográficos. Desde a tendência à separação como ciência da natureza ou como ciência do homem, segundo Lencioni (2001) isso comprometeu o campo de conhecimento dessa ciência.

Porém a autora afirma que foi com o historiador e geográfico Paul Vidal de La Blache, através do pensamento das possibilidades que o homem tem diante da vida, onde a ciência geográfica deveria observar e compreender a singularidade dos lugares como região, que se consagra grande desenvolvimento nos estudos da geografia. De acordo com Lencione (2001)

“O ponto de vista de La Blache era que a região podia ser objetivamente distinguida na paisagem e que os homens têm consciência da existência das regiões à medida que constroem identidades regionais” (LENCIONI, 2001, p.189). Porém, a autora afirma que isso conduziu a disciplina da geografia para uma dicotomia entre geografia regional e geografia geral.

O pensamento voltado para a geografia regional não tem em La Blache uma definição precisa de região. Sandra Lencioni (2001) afirma que La Blache compartilhou a visão do antropólogo e geógrafo Alemão Friedrich Ratzel, em relação à visão de homem e de natureza como constituintes de uma unidade. As autoras Costa e Moreira (2016), declaram que Ratzel divulgou as ideias deterministas considerando a grande influência que o meio natural tem sobre o homem. Assim a escola determinista de Geografia é baseada na compreensão de que o homem é um produto do meio. Muitos geógrafos seguidores desses ideais estavam entorno de bases da geopolítica englobando alguns problemas relacionados a povo, raça, Estado e localização dos Estados.

A dicotomia do conhecimento geográfico regional e geral e o positivismo e determinismo nas concepções da formulação de conceitos dessa ciência foi objeto de reflexão. Dentre as reflexões, Lencioni (2001) destaca que o geógrafo Alfred Hettner com seu pensamento voltado para Kant afirmava que a essência da geografia estaria no estudo das diferenciações da superfície terrestre fortalecendo a perspectiva regional ou corológica. Assim a autora afirma que para Alfred Hattner “a geografia não era uma ciência nomotética nem ideográfica. Era ambas” (LENCIONI, 2001, p.190). Percebemos o quanto a dimensão de espaços formando um todo que seria a superfície terrestre está presente nas ideias de Hattner. Dentre as influências de Hattner está o pensamento do geógrafo Richard Hartshorne, que no século XX contribui consideravelmente para o campo epistemológico da geografia, principalmente nos Estados Unidos. Como afirma Lencioni (2001):

Para Hartshorne, não existe um objeto particular à ciência geográfica e nem tampouco fenômenos particulares à geografia, sendo de interesse da ciência geográfica todos os fenômenos que têm uma dimensão espacial. Hartshorne considera que é na apreensão das inter-relações entre os fenômenos que a diversidade da superfície terrestre é produzida (LENCIONI, 2001, p. 190).

Também vieram concepções de espaço como regionalização a partir variáveis, delimitação e território, onde a autora Lencioni declara que os interesses pelas particularidades do espaço eram suprimidos pelas regularidades espaciais, pois mais importante era classificar as regiões, hierarquizá-las e verificar suas relações funcionais. As

críticas abalaram essas ideias diante da concepção de que não existe espaço sem conteúdo social e que com a evolução tecnológica não há causas e processos puramente espaciais.

No Brasil, segundo Costa e Moreira (2016) as ideias dos mestres alemães foram trazidas pelos geógrafos franceses. As ideias de Vidal de La Blache e seus seguidores influenciaram a formação de geógrafos e professores da disciplina, nortearam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros e bases pedagógicas de ensino da geografia. Em meados da década de 1920 o trabalho e obras de Delgado de Carvalho foi muito importante para a geografia no Brasil. As autoras Costa e Moreira mencionam que:

Daí em diante, Delgado de Carvalho defende a urgência da Geografia em tornar-se uma ciência e criticou a Geografia nomenclatural que exigia apenas a memorização e, também, a Geografia administrativa, que limitava o estudo às divisões políticas dos países, pois tais abordagens serviam de obstáculos a uma reflexão teórica sobre ciência geográfica do domínio didático. Esse geógrafo e professor foi contra o patriotismo ideológico transmitido pela Geografia (COSTA E MOREIRA, 2016, p.23).

Percebemos o quanto a postura da geografia como ciência e disciplina escolar é defendida por alguns autores pela necessidade da compreensão racional do vivido ligado a subjetividade. Diante disso afirma Lencioni, “a consideração da percepção advinda das experiências vividas é tida como uma etapa metodológica importante e fundamental para o conhecimento” (LENCIONI, 2001, p.193).

A efetivação da Geografia como ciência no Brasil foi a partir de 1930, e vários geógrafos brasileiros encontram embasamento teórico também na reflexão de não geógrafos como do sociólogo Manuel Castello e do filósofo Henri Lefebvre.

E Costa e Moreira (2016) afirmam que a partir das décadas de 1980 e 1990 vários embates teórico -metodológicos continuaram em torno de grandes frentes como a Nova Geografia; a Geografia Tradicional; a Geografia Crítica; a Geografia Comportamental; ineficácia do ensino da disciplina de geografia; o livro didático; a Avaliação na disciplina. Também a partir da década de 1980 as pesquisas sobre o currículo para renovação do ensino da disciplina, a produção de melhores livros didáticos e as discussões de professores em torno de conceitos, métodos e novas abordagens teóricas para o ensino de Geografia, segundo as autoras Costa e Moreira (2016), provocou ruptura no ensino tradicional. “Isso provocou a ruptura no ensino tradicional da disciplina, apontando caminhos diferentes de ensino” (COSTA; MOREIRA, 2016, p. 27). Essa ruptura fez surgir, segundo elas a Geografia Crítica com contribuição dos movimentos sociais e realidade social do país. Essas autoras afirmam que as discussões a partir da LDB/96 e as propostas curriculares inseridas nos PCNs

(Parâmetros Curriculares Nacionais) propuseram um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades dos estudantes em observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos.

Com isso usamos as ideias de Suertegaray e Rossato (2010) que afirmam que a Geografia passa, na atualidade, a entender o espaço geográfico como resultado do modo como os homens organizam a sua vida sob os aspectos econômicos e sociais. E destacam que o espaço geográfico como objeto de estudo da geografia tem conceito ao longo de sua história concebido de diferentes maneiras.

Atualmente o sistema educacional brasileiro desenvolve dentro do Plano Nacional de Educação a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) a ideia de que o estudo da Geografia é Componente Curricular, vista como uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, que aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Assim é declarado na BNCC:

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BNCC. 2018. p. 357).

Com a geografia o aluno, segundo a BNCC, deve ter oportunidade de compreender o mundo e as relações com os lugares vividos, o professor pode levar o aluno a (des) construir e reconstruir o conhecimento no ensino médio. A realidade de sua vivência e de elementos da realidade ligados a ela, como a relação campo-cidade estudado na geografia somado a recurso didático metodológico que retratem questões ligado a esses espaços, podem possibilitar propostas de apropriação de informação. Assim se pode ter a música sertaneja de raiz, como forma de conceber conhecimento, sobre o espaço e a relação campo-cidade.

2.2 Relação entre Campo e Cidade no ensino de Geografia

Os Espaços geográficos denominados campo e cidade tem grande relevância nos estudos geográficos. Quando trazemos a Geografia para esses espaços brasileiros de maneira descritiva e analítica nos deparamos como afirma Moreira (2011) com uma sociedade atual com forma de organização geográfica originada da disponibilização que fatia o espaço indígena em grandes domínios de propriedade que instituído pela colonização portuguesa com

base de poder fundiário, territorial e político. Como afirma o autor, “terra, território e senhorio político, num tripé, formam desde então, a estrutura de espaço sobre a qual se ergue a sociedade no Brasil” (MOREIRA, 2011, p.11).

Essa sociedade, segundo Moreira (2011), tem uma logística de arranjo de espaço combinando fazenda, cidade e que foi posteriormente acrescentando fábricas. E sobre a base da relação terra- território- senhorio que prevalece da relação homem- espaço- natureza, onde segundo Ruy Moreira (2011) a sociedade rural ergueu-se com as janelas da casa-grande para a entrada de traços culturais agromercantis.

O espaço colonial brasileiro marcado pela fazenda, como espaço de produção econômica de lavoura e de gado era nuclear e disperso, onde entre esses espaços foram amplamente disseminadas áreas de policultura, vilas e cidades como afirma Moreira (2011) na sua obra Sociedade e Espaço geográfico brasileiro. O extrativismo vegetal e a mineração também marcam o conjunto de recortes e escalas de relações de uma sociedade espacialmente organizada em torno da disponibilização do espaço, que adentra o séc. XVIII.

Segundo Moreira (2011), a consolidação desses espaços foi marcado pela rede de trilhas e lugares trazidos pelos movimentos de circulação do gado, das tropas e tropeiros, das monções de povoado e do comércio mascate, onde fazendas são células e trilhas e atores são sujeitos da sociedade que espacialmente foi se formando para além dos núcleos históricos de povoamento. O ciclo da mineração colaborou para a multiplicação das cidades. “O aumento extraordinário da população e das cidades quem vem com este ciclo pressiona o mundo institucional da Colônia” (MOREIRA, 2011, p. 73).

Com o fim do pico da mineração, com a lavoura canavieira ineficiente, com quadro de tensões advindo de um terço da população escrava fermentando a formação de quilombos, com homens livres abandonados à sua sorte, com multiplicidade de policultura posseira e ainda numerosa a população indígena, embora reduzida drasticamente de sua população de origem o século XIX é marcado no Brasil pela visão urbana e o poder de Estado nas mãos da velha elite plantacionista. Onde segundo Moreira (2011) as grandes arrumações passam a serem feitas também na aventura urbana acomodada aos rincões da fazenda, ou seja, o espaço faz se arrumando numa face urbana e numa face rural.

Moreira (2011) afirma que quando o sistema colonial findar, uma nova forma de arrumação se estabelece. Assim diz ele:

De um lado altera-se o arranjo econômico- demográfico e de outro, o institucional do Estado, numa nova ordem de relação do visível e invisível. O rearranjo econômico- demográfico vem da reafirmação cafeeira da

centralidade plantacionista e o institucional da emergência do Estado Nacional (MOREIRA, 2011, p.79).

Esse novo arranjo é a cidade, onde Moreira afirma que:

É a cidade, entretanto, a referência do novo ao tempo que a fazenda mantém-se como base. Cabeça do Estado Nacional, a cidade é o centro político de um arranjo de espaço de que a fazenda é o cerne econômico. Aos poucos, entretanto, entre elas emerge a fábrica como elo de interseção (MOREIRA, 2011, p. 79).

Tudo isso, o autor nos deixa claro que essa nova ordem nada mais é do que a organização espacial do território que é visível na arrumação do espaço (área urbana e área rural) e o rearranjo demográfico- econômico que numa nova estrutura de equilíbrio de hegemonia e poderes (federalismo e suporte cafeeiro) numa relação aparentemente invisível.

O ciclo do café marca a centralidade plantacionista e consolida a passagem da Colônia para Independência, da escravidão para o assalariamento e da Monarquia para República como afirma Moreira (2011). E o ensino da geografia do Brasil ao trabalhar a relação campo/cidade não está desvinculado dessa historicidade do arranjo e rearranjo do espaço. O Professor precisa de toda essa configuração para refletir e organizar a complexidade do estudo sobre a relação campo e cidade.

O processo econômico com a crise do café, e a indústria se tornando a grande beneficiária com o fim do ciclo, a força de trabalho, terras e capitais impulsiona a expansão industrial e desloca a agricultura da frente para a retaguarda, deixando a indústria para o centro do sistema. A sociedade de trabalho é na interface entre os universos da fazenda e da cidade a força de trabalho para o crescimento da indústria, que segundo Moreira (2011), colaborava para o emprego da força de trabalho rural e para força de trabalho terciária. Nesse contexto fazenda e cidade se fundem e ao mesmo tempo se diferenciam, segundo Moreira (2011). Mas segundo Marafon (2010) há uma dificuldade hoje em trabalhar e precisar a noção do que seria o espaço rural no Brasil. Ele afirma que:

Pensar o espaço rural requer uma reflexão consistente, a partir da Geografia e de seus conceitos fundamentais, aliada a um conhecimento empírico da realidade (o papel dos trabalhos de campo em geografia). Isso requer pensar com rigor teórico-metodológico as transformações que estão em curso no espaço rural brasileiro (MARAFON, 2010, p. 209).

Esse espaço rural que acumulou historicamente transformações na organização e arranjo espacial e funcionalidade para o cenário capitalista traz uma grande complexidade identitária. Da mesma forma que para Moreira (2011), o cenário urbano marca a reordenação do espaço plantacionista em virtude da migração da indústria para a cidade. Todo esse cenário

campo- cidade na primeira metade do século XX traz modos e arranjos não só na estrutura organizacional do espaço como no modo vida e nas relações sociais do sujeito. Isso caracteriza identidades culturais advindas da vivência do cotidiano que geram memória que são constatadas em elementos culturais da arte como afirma Tinhorão (2010) quando diz que as camadas populares mais baixas, viviam no período de transição da economia pré-industrial para industrial uma grande riqueza criativa.

Destacamos a música sertaneja de raiz, que muitas vezes abarcou esse contexto do rearranjo socioeconômico do crescimento urbano brasileiro a partir de 1930, para narrar nas suas canções. Isso pode auxiliar as aulas de geografia do Brasil diante de diversos conteúdos atrelados ao campo e a cidade.

A relação campo-cidade sendo trabalhada na configuração contemporânea demonstra transformações na sua funcionalidade e organização. Como afirma Marafon (2010) configura novas relações, com novas qualidades e impressão de marcas fortes na paisagem. Ele afirma que “além da produção agrícola e da industrialização temos hoje novas atividades que devem ser identificadas para caracterizar o campo e suas relações com a cidade”. (MARAFON, 2010, p. 208). O autor também destaca os sujeitos sociais que estão no cenário do campo, como grandes proprietários, assalariados, pequenos proprietários, parceiros, trabalhadores, volantes, sem-terra com a luta pelo acesso à terra, tornando esse espaço muito complexo.

Diante das cidades brasileiras e suas complexidades, Maia (2010) afirma “o quadro urbano brasileiro é profundamente diverso, diversidade esta que se dá pelas diferenças de tamanho da área urbana, do número de habitantes, da dinâmica econômica, política e cultural, enfim, pelo conjunto de elementos e caracterizações que constituem as cidades brasileiras” (MAIA, 2010, p. 189). A referida autora também afirma que se prioriza os principais centros urbanos como polos de referências e se enfatiza suas caracterizações. Destaca que nos estudos geográficos sobre o Brasil e a relação cidade- campo é necessário os conceitos de cidade e de urbano. Pois segundo a autora:

sabe-se que com a instituição da clássica divisão do trabalho originando, inclusive, o que se entende por urbano ou mesmo sociedade urbana, o campo não se resume à configuração espacial onde se desenvolvem as atividades agropecuárias ou o chamado setor primário da economia, e nem a cidade se configura unicamente por abrigar o trabalho comercial, de serviço e industrial. Apesar de tais atribuições continuarem demarcando as diferenças básicas entre um e outro, as relações entre cidade e campo tornaram-se mais complexas (MAIA, 2010, p.192).

A relação cidade-campo a autora destaca a urbanização do campo a partir da expansão da indústria moderna. No entanto, assim como Moreira (2011) a Maia (2010) declara que na

República a cidade foi vista como sede de município, onde muitas vezes o estereótipo de desenvolvimento do urbano e o atraso do campo mascarou alguns conceitos e termos que demonstram a diversidade da realidade dessa relação.

Quando se trata de estudar o espaço urbano e rural, campo e cidade diversos questionamentos podem ser levantados na sala de aula do ensino médio e recurso didático-metodológico podem auxiliar nesse processo, como uma música. Como afirma Costa e Moreira (2016) no ensino da geografia, “a denominação recursos didáticos insere vários tipos de materiais e linguagens, como livros didáticos e paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia filme, videoclipe, jogos” (COSTA; MOREIRA, 2016, p. 63). E diante da imensa complexidade que é a relação campo-cidade, estudá-la na geografia deve levar o aluno, segundo a BNCC, a ser estimulado a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. Esse raciocínio geográfico deve entender o arranjo espacial como uma complexidade de estruturação resultante das regras da sociedade, que produziu esse espaço, que no caso aqui referido é o campo e a cidade.

A visão de campo e cidade não só no sentido conceitual, mas nas relações e como espaço resultante da construção humana e das relações capitalistas foram no cenário do espaço geográfico brasileiro enredo de luta na apropriação da terra e na estruturação do campo, que na relação campo- cidade também deve ser englobado nos estudos geográficos. A configuração que marca o homem do campo como um dos sujeitos desse espaço que carrega marcas históricas dessa relação precisa ser sempre analisada em sala de aula, principalmente no ensino das relações campo-cidade da geografia do Brasil na segunda série do ensino médio, como é o caso feito no Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo.

2.3 Educação do Campo como valorização da cultura camponesa

A Educação do Campo precisa de pedagogia educativa que reconheça o campo como espaço de vivência e memória de acordo com as ideias de Arroyo e Fernandez (1999). Segundo esses autores o campo, fala com mil maneiras, com linguagens, com palavras, com rituais, com mística maravilhosa que é refletido até no movimento social do campo, que também é educativo. Mas, a educação básica, como direito ao saber, conhecimento e a cultura produzida socialmente, dentro do currículo da Geografia, precisa ir ao encontro a um reconhecimento do espaço geográfico também com valorização da cultura. Isso inclui a cultura camponesa. Miguel Arroyo (1999) afirma que “a educação básica tem que ser vinculada aos direitos” (ARROYO, 1999, p. 18). Baseado nas afirmações do autor os direitos

representam sujeitos, que tem história, que luta e intervém no espaço, que constrói projeto social, e a escola precisa levar isso em conta.

Segundo Arroyo (1999), a educação tem de se vincular aos sujeitos e precisa favorecer o vínculo do sujeito com a sua existência cultural. Assim ele afirma que “nós temos que recuperar os vínculos entre educação e terra, trabalho, produção, vida cotidiana de existência, aí que está o educativo” (ARROYO, 1999, p. 21).

Arroyo e Fernandez (1999), declaram que o campo mantém vivas as raízes culturais e que depois de dois séculos de industrialismo e urbanização as pessoas cantam músicas e letras que surgiram coladas ao modo de produção agrícola. Assim, dizem que isso acontece “porque a industrialização brutal do capitalismo não conseguiu acabar com a cultura rural” (ARROYO, 1999, p. 23). Então percebemos o quanto os conteúdos geográficos com metodologias selecionadas podem abranger a cultura do sujeito do campo para um conhecimento mais real da vida no campo. Mas, não podemos, como professores, apresentar temáticas relacionadas ao campo de forma romântica- figurativa. Miguel Arroyo afirma, isso muito bem, quando declara que se sabe da existência de uma cultura urbana, mas que não se pode negar que sobre esta há a cultura da terra, da produção e do trabalho, do modo de vida rural. Porém, não se pode romantizar a vida no campo, porque assim afirma ele:

É verdade que não podemos romantizar a vida do campo. Sempre foi tensa a relação do homem com a terra, as relações sociais no campo foram e são tensas. Nessa permanente tensão e não em uma relação bucólica, foram produzidas as matrizes culturais que ainda marcam todos nós. Como educadores, temos que pensar na força que tem as matrizes culturais que ainda marcam todos nós. Como educadores, temos que pensar na força que tem as matrizes culturais da terra e incorporá-las em nosso projeto pedagógico. (ARROYO, 1999, p. 23).

O autor destaca o quanto a incorporação da realidade do campo é importante para o fazer pedagógico.

Dentro do fazer pedagógico, que declaramos aqui como o ensino, as aulas e conteúdos da Geografia do ensino médio traz dentro das suas unidades temáticas diversos objetos de conhecimento com proposições de habilidades, que envolvem o sujeito, a terra e a produção. Assim, o professor deve trazer para sala de aula proposta metodológica que na construção do conhecimento dessa relação homem natureza e sociedade como é o caso do ensino de geografia, avance para uma visão real do campo no Brasil. Baseado em Arroyo e Fernandez (1999) a proposta educacional deve superar a visão de que a cultura do campo é estática e arcaica e também com base nos autores que afirmam que o processo educacional deve ser estruturado a superar esteriótipo construído pela cultura hegemônica capitalista, do homem e

da mulher do campo. Devemos pensar a educação por meio de um processo dialógico como afirmam Antônio e Lucini (2007). Baseado em Munarim (2009) o princípio pedagógico e o tempo de formação do sujeito da aprendizagem devem considerar que este é portador de conteúdo socialmente útil e válido e que a educação do campo ocorre tanto em espaços escolares quanto fora deles.

Isso é que Straforini (2018) considera de autonomia que o sujeito tem nas práticas espaciais. O autor descreve baseado em Souza (2013) que as práticas espaciais são o que as sociedades fazem na sua organização do espaço e nas suas relações sociais. O referido autor também destaca que o capitalismo implantou a prática social hegemônica de dominação pelo capital no espaço, mas destaca que a autonomia do sujeito na sua prática chamada de insurgente também deve ser considerada e, que o processo de significação do conhecimento do espaço se produz e reproduz nas escolas também como uma prática espacial.

Lógico que em se tratando do campo não podemos negar que a hegemonia capitalista se estendeu à área rural objetivando melhoria. Mas, contribuiu para a subordinação do agrário que tanto caracteriza o campo, como assim afirma Pimenta (2017): “A extensão rural trouxe aspectos que embora objetivasse a melhoria da qualidade de vida e o aumento da produtividade, contribuíram significativamente para a subordinação da sociedade agrária ao capital e à sociedade urbano- industrial” (PIMENTA, 2017, p. 30).

Por isso o que se ensina sobre o campo, mesmo em unidades escolares urbanas, precisa fazer relação com o sujeito e a cultura com conhecimento. A separação campo- cidade, criada com a sociedade moderna, segundo Arroyo e Fernandes (1999), de maneira que submeteu o modo de vida rural e o camponês ao estereótipo de fraco e atrasado, isso deve ser mostrada na sala de aula de forma coerente. Assim, os vínculos entre o campo e o urbano devem ser trabalhados, pedagogicamente, de maneira a incentivar o conhecimento mais real dessa relação.

Afinal, campo e cidade não são mundos a parte, assim afirmam Arroyo e Fernandes (1999), dizendo que esses espaços “na realidade se relacionam, se interagem em dependências recíprocas” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 47). Os referidos autores destacam que há uma subordinação do camponês ao urbano constituída pelas relações políticas que se desdobra numa visão distorcida de dependência, as vezes política, econômica e tecnológica.

Algumas disciplinas escolares, como a geografia pode com recurso didático-pedagógico como a música, trabalhar o ensino das relações campo- cidade, colaborando para uma construção do conhecimento de maneira mais críticas e o processo educativo deve garantir a dimensão crítica prática para os sujeitos de qualquer sociedade humana. De acordo

com o pensamento de Caldart (2009), o processo educativo deve estar vinculado a práticas sociais emancipatórias e formas de educação que tenha uma dimensão grandiosa, “que é a de perceber-se como sujeito da história, que é também ser sujeito de seu próprio processo de formação para se construir como tal” (CALDART, 2009, p. 60). Assim como a Caldart afirma, no processo educativo o sujeito tem que se perceber como construtor da sua formação. Isso inclui os sujeitos que formam o espaço urbano e rural. Com as ideias de Arroyo (2003) concordamos que a teoria pedagógica fecunda tem que refletir sobre a condição humana, suas dimensões e virtualidades formadoras e deformadoras, humanizadoras ou desumanizadoras presentes nos processos sociais e entender que a cultura pode nos aprisionar em identidades fechadas, mas pode abrir identidades por fora. A educação do campo e pedagogias que estabeleçam e valorize a cultura camponesa podem interferir nesse processo. Porém, o processo de uma educação de qualidade para o campo e sobre o campo precisa avançar. Assim, afirma Braga e Sales (2016) “no âmbito de uma educação de qualidade e voltada para as características da vida e do trabalho no campo, é preciso reconhecer, com base nos resultados da pesquisa que falta avançar muito” (BRAGA; SALES, 2016, p. 75). O avanço para valorização do espaço do campo como espaço geográfico e social requer diversos avanços como afirmam Santos e Araújo

(...) reais mudanças na educação do campo precisam ir muito além da melhoria física, isto é, devem levar em consideração desde o processo de qualificação dos professores até mudanças no currículo escolar, baseado na vida e valores de sua população, a fim de que o aprendizado também possa ser um instrumento para o desenvolvimento do meio rural (SANTOS; ARRAÚJO, 2016, p. 113).

Diante da afirmação vemos o quanto a cultura camponesa precisa estar presente no trabalho pedagógico na escola. Essa cultura camponesa baseada na vida e valores de vivência da população pode levar o aprendizado a ser mecanismo para melhoria do meio vivido. Diante de que a educação com o processo pedagógico que valorize o espaço geográficos e suas relações têm nos recursos didático-metodológicos um mecanismo fundamental nesse processo.

Perante a realidade da sala de aula com alunos do ensino médio noturno a música foi uma proposta de renovação para o ensino da geografia. No caso da geografia do Brasil a utilização da música sertaneja de raiz pode inovar o processo de ensino, aumentar o envolvimento discente nesse processo e a aprendizagem. Pois a caracterização dessas músicas utilizadas como introdução, complemento de informação e instrumento de reflexão para

auxiliar na construção de conceito pôde inovar a execução de aula de geografia do Brasil na disciplina de geografia.

2.4 Músicas e o ensino das relações entre Campo e Cidade

O ensino com música é considerado viável a professor das diversas áreas do conhecimento nas diversas modalidades de ensino. Como afirmam alguns autores,

a utilização de músicas em sala de aula, responde a uma série de necessidades já discutidas ou ainda a serem trabalhadas. Importante, e resumidamente, vale lembrarmos que o recurso musical é agradável, o trabalho com músicas tem sempre a possibilidade de atrair alunos (ROSSATO; CÂMARA; LUZ, 2011, p. 48).

Os autores ainda destacam que entre as possibilidades de recursos que se pode utilizar nas propostas de trabalho em sala de aula, o desafio com música e letras de músicas se mostra um dos mais interessantes, pelo alcance que obtém junto aos alunos. Eles dizem que “ao utilizarmos a música como recurso podemos propor as discussões que julgamos necessárias, numa forma atualizada e num contexto dinâmico, em aulas que se diferencie pelo seu caráter prático, eficiente, produtivo e que sejam acima de tudo, agradáveis” (ROSSATO; CÂMARA; LUZ, 2011, p. 47). Destacam ainda, afirmando que acreditam que o aluno de hoje, chamado por eles de aluno “pós-moderno” é mais musical.

Penna afirma que “a música não é uma linguagem universal. É, sem dúvida, um fenômeno universal, mas como linguagem é culturalmente construída” (PENNA, 2014, p. 24). Essa construção carrega princípios de organização histórica e social fazendo a música ter significação diferenciada para cada pessoa. Mello (1991) afirma que “os laços de afetividade que ligam o homem - abstrata ou concretamente - ao lugar provocam relatos verbais e escritos do cidadão comum, artistas, poetas e intelectuais” (MELLO, 1991, p. 01). Portanto esse relato pode estar na letra e melodia de uma música, onde a sua organização estrutural pode ser uma linguagem carregada de vivência, refletindo fenômeno histórico e social.

Diante disso, os elementos narrativos da música pode ser instrumento para subsidiar a compreensão do espaço geográfico urbano e rural e as relações entre os mesmos. Destacamos aqui a música sertaneja de raiz ou música caipira como fora assim designada em algumas áreas do Brasil, por ter sido esta utilizada no estudo.

Alguns escritos de autores como Maia (2010), Marafon (2010), Moreira (2011) que retratam a sociedade rural e urbana brasileira e a movimentação dessa relação nos faz ver a música sertaneja de raiz como elemento que retrata a manifestação cultural do movimento

rural, baseada em usos e costumes populares e regionais, retratando a vida e o pensamento da população do campo e do interior do Brasil. Assim diante das ideias de Tinhorão (2010) sobre a música popular brasileira, ousamos afirmar que os temas das canções sertanejas de raiz surgiram da necessidade da sociedade rural de expressar através das letras e melodias sua realidade de vida envolvendo seus modos, costumes, princípios éticos religiosos e morais. Essas realidades são narradas retratando o lugar, que muitas vezes, compositores e cantores da música sertaneja de raiz vivenciaram. Seria o que Mello (1991) retrata como topofilia, ao tratar dos sentimentos que os compositores da música popular brasileira de 1928 a 1991, expressaram nas canções sobre o Rio de Janeiro como seu lugar. Ele explica que, “por topofilia entende-se o sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade, que se contrapõe ao espaço indiferente, abandonado [...]” (MELLO, 1991, p.136).

Com isso percebemos o quanto de sentimento, de relação, de vivência com o espaço como lugar, pode estar presente na música sertaneja de raiz. Diante disso, percebemos também o quanto a música sertaneja de raiz traz com ela elementos característicos que refletem as relações entre campo e cidade no Brasil. Assim dentro do vasto repertório sertanejo de raiz do Brasil, que descreve muito do espaço geográfico brasileiro da segunda metade do século XX, destacamos duas canções que trabalhamos diversos aspectos da relação campo-cidade. São as seguintes canções:

Caboclo Na Cidade

Dino Franco & Mouraí

Seu moço eu já fui roceiro
No triângulo mineiro
Onde eu tinha meu ranchinho
Eu tinha uma vida boa
Com a Isabel, minha patroa
E quatro barrigudinho
Eu tinha dois boi carreiro
Muito porco no chiqueiro
E um cavalo bão arreado
Espingarda, cartucheira
Catorze vaca leiteira
E um arrozal no banhado!

Na cidade eu só ia
Cada quinze ou vinte dia
Pra vender queijo na feira
E no mais tava forgado

Todo dia era feriado
Pescava a semana inteira
Muita gente assim me diz
Que não tem mesmo raiz
Essa tal felicidade
Então aconteceu isso
Resorvi vender o sítio
E vir morar na cidade

Já faz mais de doze anos
Que eu aqui já tô morano
Como eu tô arrependido
Aqui tudo é diferente
Não me dou com essa gente
Vivo muito aborrecido
Não ganho nem pra cumê
Já não sei o que fazer
Tô ficando quase louco
É só luxo e vaidade
Penso até que a cidade
Não é lugar de caboclo

Minha filha Sebastiana
Que sempre foi tão bacana
Me dá pena da coitada
Namorou um cabeludo
Que dizia ter de tudo
Mas fui ver não tinha nada
Se mandou pra outas bandas
Ninguém sabe onde ele anda
E a filha tá abandonada
Como dói meu coração
Ver a sua situação
Nem sorteira, e nem casada

Até mesmo a minha veia
Já tá mudando de ideia
Tem que ver como passeia
Vai tomar banho de praia
Tá usando mini saia
E arrancando a sobranceia
Nem comigo se incomoda
Quer saber de andar na moda
Com as unha toda vermeia
Depois que ficou madura
Começou usar pintura
Credo in cruz que coisa feia

Vortá pra Minas Gerais
Sei que agora não dá mais
Acabou o meu dinheiro
De saudade da paioça
Eu sonho com a minha roça
No triângulo mineiro
Nem sei como se deu isso
Quando eu vendi o sitio
Pra vir morar na cidade
Seu moço naquele dia
Eu vendi minha família
E a minha felicidade!

Jeitão De Caipira
Liu e Léo

Vô voltar pra minha terra na vidinha de caboclo. Vô trabalhar no roçado nem que for pra rançar toco, O barulho da cidade está me deixando louco. A coisa aqui já esta de rançar pica-pau do oco. Vô viver lá onde é bão, na vendinha do seu João. A gente dá quinhentão ele ainda volta troco.

Aqui não tem diversão, muitas coisas me tormenta. A gente não vê o céu nessa cidade cinzenta, Fumaça das chaminés já não tem tatu que aguenta. Não vejo a lua nascer e nem o sol quando entra, meu sacrifício é tamanho, muito pouco aqui eu ganho. Meus vizinhos são estranhos, passa e não me cumprimenta.

Pau podre não dá cavaco mais pra cortar é macio Eu vivo aqui na cidade batendo em ferro frio, Só tenho a cabeça quente e o bolso sempre vazio Por isso é que eu vou embora meu coração decidiu, Vou me embrenhar na quiçaca, vou viver de pesca e caça Morar ne um rancho de graça naquelas beiras de rio.

No ranchinho de sapé amarrado com embira Pode falar quem quiser mais de lá ninguém me tira, Deixo a minha rede armada, também sou firme na mira Vejo a lua e as estrelas depois que o sol se retira, E lá naquele lugar sinto Deus me visitar Dinheiro não vai comprar o meu jeitão de caipira.

A canção Caboclo na Cidade interpretada pela dupla sertaneja Dino Franco e Mouraí lançada em 1982, no LP “Rancho da Paz” com composições de Nhô Chico e Dino Franco, se tornou um dos clássicos da música sertaneja de raiz. Osvaldo Franco (1936 – 2014) conhecido por Dino Franco formou dupla a partir de 1980 com Luiz Carlos Ribeiro (1946- 2005), conhecido como Mouraí. Formaram dupla por mais de doze anos e lançaram onze discos onde um de seus maiores sucessos, Caboclo na Cidade marcou bastante a carreira da dupla se tornando um de seus destaques.

A música Caboclo na Cidade retrata na sua letra a narrativa de vida de sujeito do campo que revela muito do modo vida rural e traz situações da vida do campo que revelam contexto local atreladas a um contexto global. Esses contextos são compostos por práticas espaciais. Seria o que Straforini (2018) baseado em Souza (2013) define como práticas espaciais a conjuntos estruturados de ações que são articulados na relação e na ação social, onde Souza (2013) defende que as práticas espaciais englobam as forças hegemônicas, heterônomas e as autônomas. Onde está última é definida pelo autor com uma autonomia que luta, mas ao longo da história são quase sempre adestrada, submissa e enquadrada subalternamente de corpos e mentes. Esses conceitos são trabalhados na geografia com o espaço geográfico como seu objeto de conhecimento, e a canção Caboclo na Cidade traz muito da relação campo- cidade como espaço geográfico brasileiro rural e urbano. Pode assim, abrir caminho para diversas discussões na construção do conhecimento geográfico.

A música Jeitão de Caipira de Tião do Carro e Eduardinho, foi lançada em 1984 com a dupla sertaneja conhecida como Liu e Léu. Estes eram irmãos e se chamavam Lincoln Paulino da Costa (1939- 2012) e Walter Paulino da Costa (1942), foram uma dupla de cantores sertanejos a partir de 1957 na Cidade de Itajobei no interior de São Paulo. A dupla se apresentou muito em show circenses e rádio, pelos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás e Mato Grosso. A partir de 1959 gravaram diversas músicas, onde o clássico Boiadeiro Errante (Música de Teddy Vieira) personalizou a dupla. Gravaram em 1962 o primeiro LP pela gravadora Continental, intitulado Nosso Rancho, onde ganharam o título de melhor música do ano com a Canção Meu Ranchinho de Dino Franco e Sebastião Vitor. Passaram por diversas gravadoras totalizando 32 LPs e 17 CDs.

A música Jeitão de Caipira retrata em sua letra um modo de vida urbana em consequência de um êxodo rural estruturado na esperança de busca de melhores condições de vida. Na referida música é visível consequências do êxodo rural do Brasil. Isso a partir de meados do século XX acompanhado de diversas transformações socioespaciais que refletem a relação campo- cidade, que estão presentes no conjunto de componentes curriculares da

geografia do Brasil, onde a canção como recurso didático- metodológico traz elementos marcantes desse processo.

CAPÍTULO III

3 A EXPRESSÃO DA RELAÇÃO CAMPO/ CIDADE NA MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA.

A relação campo-cidade faz parte de uma realidade brasileira que sofre transformações estruturais e ambiental de relações sociais. Mas, nessas relações sociais, mesmo apresentando uma modernização quanto a caracterizações de ambiente e de modo de vivência, alguns traços e elementos permanecem.

No campo, ou melhor, em alguns espaços rurais brasileiros muitos sujeitos têm uma vivência recheada de tradições, costumes e técnicas presentes no espaço e na família vindas como uma herança cultural. Como afirma Marafon (2010), o espaço rural de produção familiar é fortemente marcado por atividades que não apresentam uma modernização nos mesmos moldes do agronegócio. Mas o espaço rural é fortemente marcado pelo conteúdo de técnica e capital que interfere em mudanças e transformações na vida do sujeito do campo. Tudo isso, as tradições as relações e vivência herdada e marcada como espaço geográfico rural familiar e a influência de técnica e capital de espaços rurais, ou não, mais complexos gera memória.

A cidade como espaço que se relaciona com o rural colabora para a complexidade do espaço rural. Marafon (2010) declara que o rural é caracterizado pelas pessoas que nele vivem e pelo modo como elas se sentem habitando nesse espaço, considerando pelo autor híbrido. Ousamos afirmar que não só aos que nele vivem como também aos que viveram uma parte considerável de suas vidas. A memória pessoal ou coletiva do sujeito do campo traz a relação dos espaços campo/cidade, e, isso pode ser expressado em narrativas como numa música sertaneja de raiz.

Para o ensino da geografia a materialização das relações das pessoas e a construção das paisagens do seu lugar faz parte para o entendimento do espaço. De acordo com o pensamento de Callai (2009) que, na escola é preciso ver o sujeito como pertencente ao lugar vivido. Esse lugar vivido tem memória coletiva e individualidades que gera laços e relações expressas, descritas sobre o espaço geográfico. E pode ser identificada numa música sertaneja de raiz que tem uma caracterização carregada de elementos de memória de tempo e espaço. Pode assim, ser instrumento para o ensino da geografia.

3.1 O lugar, como espaço de relação de Memória

As aulas de geografia retratam a relação dos seres humanos com o espaço geográfico, como defende Rafael Straforini (2018). Diante de suas ideias o conhecimento geográfico na sala de aula, na educação básica, deve colaborar para que os educandos tenham compreensão da organização espacial. O referido autor juntamente com pensamentos dos autores Roque Ascensão e Valadão (2011) defende claramente a geografia como disciplina que é para compreensão da espacialidade dos fenômenos. Quando afirma:

O conhecimento geográfico é o meio para que os educandos compreendam as espacialidades produzidas a partir das interações entre os múltiplos componentes espaciais presentes na própria cotidianidade dos alunos (STRAFORINI, 2018, p.184).

Dessa cotidianidade faz parte uma realidade social. Diante disso nos apropriamos do pensamento de Costa e Moreira (2016) sobre o que significa ensinar geografia: “ensinar geografia significa compreender o mundo, suas transformações e representações sociais em suas múltiplas dimensões da realidade social” (COSTA; MOREIRA, 2016, p. 21). Para isso vemos o quanto a cotidianidade da vida dos alunos compõe o espaço geográfico local e atrelados a demais dimensões regionais e globais formam a realidade social.

Quando Straforini (2018) afirma que os educandos aprenderem geografia é compreender as espacialidades e as interações presentes nelas está de acordo com Costa e Moreira (2016) que afirmam que ensinar geografia é compreender as múltiplas dimensões da realidade social. E essa realidade social é resultante das transformações e representações sociais presentes no mundo. Unimos assim, na geografia, o conceito de ensino e aprendizagem. Porém, esses conceitos precisam estar atrelados aos processos metodológicos para sua concretização. Diante disso, vimos na letra da música sertaneja de raiz um recurso metodológico para as aulas de geografia da segunda série do ensino médio que aborda dentro do seu programa de conteúdo a geografia do Brasil.

A música sertaneja de raiz traz narrativas de vivências e descrição de paisagem, de materialização de um instante, ou seja, de um período temporal de um espaço, que é rico em elementos que pode instrumentalizar a aula de geografia. Dessa forma a música pode ser material para recurso de abordagem de conteúdos relacionados a vivência do aluno ou de pessoas próximas a ele. Usar a música sertaneja de raiz como recurso metodológico pode

oportunizar ao docente apontar elementos que demonstrem caracterizações do espaço que levou o aluno a construir conceitos de maneira que relacionou contextos e compreendeu as interrelações dos espaços geográficos.

A música sertaneja de raiz possibilitou ao professor trazer para junto dos conteúdos da geografia do Brasil memória coletiva e pessoal que não só fortaleceu as exemplificações de relações do espaço geográfico brasileiro como pode estimular a integração do aluno no seu próprio processo de aprendizagem através de suas memórias, e pode ser como estímulo para conhecimento da memória de familiares. A música sertaneja de raiz pode induzir essas memórias como recordação e lembranças de momentos semelhantes, que trazidas para sala de aula pode criar momento mais propício ao ensino e aprendizagem.

O trabalho de ensino com música na geografia se deu no Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo, especialmente na segunda série do ensino médio noturno. Nessa série, o conteúdo de geografia do Brasil aborda características socioespaciais relacionadas a natureza e aos espaços resultantes de ações antrópicas nos lugares do Brasil. Os conteúdos ensinados na geografia trazem memória de tempo e de espaço de lugar, onde cada lugar está associado a outros lugares, como uma rede de relação. Essa relação é resultado e resulta conhecimento, pois é resultante do que é vivido pelo sujeito pertencente ao lugar. Cada lugar traz memória de tempo e de espaços, ou seja, o lugar traz características em sua composição de momento presente que ao se preterizar vai permanecer na recordação, lembrança, descrição e narrativa como era cada presente do lugar que se preteriza e pode ser estudado na geografia. Cada lugar habitado pelo sujeito lhe faz ser parte dele, sua memória é construída no lugar de vivência. Segundo Cavalcanti (2005), o lugar faz parte do indivíduo, é espaço vivido, experienciado se tornando familiar. Vimos assim que o lugar é um espaço com dimensões, que poderíamos ousar dizer, que seria delimitado com fronteira fisicamente empírica e histórico-cultural. Por isso o espaço como lugar, para ser estudado em sala de aula, deve ser mais do que ideia de localização espacial com perimetragem definida fisicamente. Porque é no lugar que se constata as construções físicas e os laços de relações sociais entre os indivíduos. Portanto, a música sertaneja de raiz traz descrições de cenários físicos e de relações de vivências que mostram características de lugares. As músicas sertanejas de raiz Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade por exemplo, pode levar o aluno a pensar, a ver nas letras realidades de um Brasil rural e de seu crescimento urbano estudados no contexto da geografia. Ao se depararem com a letra e melodia dessas músicas o aluno pode ser estimulado a pensar o

conteúdo da geografia do Brasil, pode ser levado a relacionar as vivências relatadas nas músicas com realidades de conteúdos e vida deles mesmos.

Assim, na sala de aula da segunda série do Ensino Médio noturno, nas aulas de geografia, abordando conteúdo sobre o espaço geográfico brasileiro, como formação sócio cultural da população brasileira e do Tocantins; As regionalizações do Brasil e os complexos geoeconômicos; Urbanização brasileira e problemas ambientais urbanos; Dinâmica entre o urbano e o rural; Análise de uso e ocupação de terras; Produção e questões fundiárias; Conflitos rurais, urbanos e étnicos culturais no Brasil e no Tocantins, foi utilizada a metodologia da introdução da música sertaneja de raiz para o ensino e aprendizagem da geografia do Brasil atrelada aos elementos de memória individual e coletiva.

Como os lugares são formados a partir das relações entre os indivíduos e grupos locais, a memória originada dessas vivências podem retratar situações que possuem conhecimento. A memória do sujeito do lugar atrelado a música sertaneja de raiz pode proporcionar narrativas de conhecimento. Essas, juntas aos conteúdos de geografia do Brasil levará o aluno a detectar pontos comuns. Com isso, as memórias pessoais culminaram em uma memória coletiva, onde narrativas de vivência cotidiana demonstrarão cenário territorial e de variedades de elementos de vivência que estão nos conteúdos escolares da geografia. Seria o que Ricouer (2007) chamaria de memória pessoal que em conjunto formaria a memória coletiva.

A memória pessoal traz um conjunto de conhecimento, porém, diante da ideia de Ricouer (2007), a memória pessoal não é detentora exclusiva de como é o lugar. Com isso entendemos que uma memória pessoal, diante da dimensão sócio-histórica do lugar não é detentora total da história, porque o lugar como espaço de vivência é caracterizado por relações, onde os sujeitos do lugar partilham memória em comum. E a geografia quando estuda o lugar vê nas relações sociais maneira da construção do espaço.

O próprio Ricouer (2007) afirma que “seja ele, espaço de fixação no qual permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida” (RICOUER, 2007, p. 159). Isso nos permitiu afirmar que são essas interações que precisam ser interpretadas e compreendidas nas aulas de geografia, onde a vivência de um lugar como espaço geométrico e temporal pode deixar seu registro em diversos mecanismo como observado na letra das músicas. E essa pode agregar,

com letra e melodia memória dos alunos que atestaram coletividade com a sutura de suas memórias pessoais.

Quando afirmamos que a memória pessoal, ou seja, lembrança e/ou recordação é cheia de conhecimento, isso é resultado de uma vivência com o próximo e com o coletivo (social). Essa vivência resulta na construção do espaço historicizado no processo de relações. Segundo Ricouer (2007), a história não é apenas a polaridade entre memória individual e memória coletiva, mas uma tríplice atribuição de memória, a de si, as do próximo e as dos outros não tão próximo. Utilizando o pensamento de Halbwachs (1990), citado no I capítulo, cada povo carrega um conjunto de memórias individuais preenchidas de pontos comuns, formando a memória coletiva que observamos na sala de aula com a utilização das músicas. Essa memória pessoal e coletiva enriquecida com os elementos mnemônicos (lembrança e recordação) de si, dos próximos e dos outros foram tragas, auxiliadas pelas letras das músicas sertanejas de raiz para o ensino da geografia de maneira a enfatizar a identidade do sujeito.

Vendo a identidade do sujeito como parte de um lugar, suas lembranças e recordações como conhecimento do lugar e de suas relações sociais, a sala de aula passou a ter acesso a acontecimentos reconstruídos por outros que não somos nós como diz Ricouer (2007), mas os autores das letras das músicas, onde o conhecimento pode ser atrelado a uma memória local de histórias associando ao espaço geográfico de dimensão mais ampla. Ou seja, ver o conhecimento geográfico nacional interligado ao local e vice-versa, seria o que afirma Ricouer:

O debate sobre a exemplaridade dessas histórias locais vividas ao rés-do-chão pressupõe a imbricação da pequena história na grande história; nesse sentido, a micro-história não deixa de se situar, num percurso de mudança de escala que ela narrativiza enquanto caminha. O mesmo pode ser dito da macro-história (RICOUER, 2007, p. 257).

Assim diante da importância do lugar para o sujeito, da memória como a sua representatividade para o conhecimento, a aula de geografia passou a organizar-se e apropriar-se da música sertaneja de raiz para fazer o aluno perceber a significação dos conteúdos da disciplina e sua relação com o lugar e com o mundo, porque o lugar é, segundo Callai (2009), a reprodução, num determinado tempo e espaço do mundo. O lugar como parte do todo do mundo precisa ser visto com a sua complexidade de fenômenos e não apenas ser estudado numa simples sequência de escalas encadeada do menor para o maior, por isso o recurso da música auxiliou nessa empreitada.

Callai (2009) quando fala do lugar na geografia ela afirma que “em um tempo em que se fala tanto de globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares determinados, específicos, que este processo se concretiza” (CALLAI, 2009, p. 107). Se em cada lugar fenômenos e relações ocorrem e seu estudo pode ser representado, a geografia e a música mostram que as relações e fenômenos vão além da proximidade dos diversos espaços e que as relações não são lineares. Pois, segundo Callai (2009), nos lugares se intensificam as relações com diferenciação porque cada lugar vai ter marcas que lhes dão identidade, isso acontece porque grupos sociais, não reagem da mesma forma, mesmo diante de processo de homogeneização, como movimento de globalização.

3.2 A aula de geografia com música sertaneja de raiz

Durante o segundo e parte do terceiro bimestre do ano letivo de 2018 as aulas de geografia da segunda série do Ensino Médio noturno, do Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo em Conceição do Tocantins, abrangeram os conteúdos voltados ao espaço geográfico brasileiro. Para o trabalho em sala de aula mais voltado ao interesse do aluno e a construção de uma concepção mais realista do seu lugar foram utilizadas as músicas sertanejas de raiz Caboclo na Cidade e Jeitão de Caipira como recurso didático e metodológico associada ao enfoque da memória pessoal e do outro como proposto no pensamento de Paul Ricouer (1913).

Após toda introdução do estudo sobre o espaço geográfico brasileiro com ensinamentos sobre a população do Brasil, suas características estruturais e processo de deslocamentos, veio um diálogo sobre a população local e, uma proposta pelo professor, dos alunos pensarem em músicas que caracterizariam a população local quanto ao espaço de vivência, pois de acordo com Castrogiovanni (2009) cada lugar é sempre uma fração, uma parte do espaço totalidade. Observamos que para o aluno a ideia de lugar, estava associada à imagem da significação, do sentimento e de representação. Tudo isso, podemos afirmar que repousa em experiências compartilhadas carregadas de conhecimento, atreladas a tempo e espaço. Assim como diz Ricouer: “A experiência do mundo compartilhada repousa numa comunidade tanto de tempo quanto de espaço” (RICOUER, 2007, p. 140).

Na aula seguinte após a proposta de pensamento e lembranças de músicas que caracterizasse a vivência do lugar, foi exposto em sala de aula os áudios das duas músicas

sertanejas de raiz Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade. Alguns questionamentos quanto ao conhecer e ao gosto pelo estilo foram feitos para os alunos. Surpreendentemente, apenas 04 alunos dos 23 da turma não conheciam. Todos gostaram, alguns relataram que fazia parte do gosto de seus pais, parentes e que já haviam escutado o estilo e, precisamente, as duas canções.

Diante dos relatos dos alunos, as individualidades de observações sobre as canções e explanação das narrativas de familiares, as memórias individuais constituíram pontos em comum numa memória coletiva. Os alunos compartilharam o lugar, sendo este Conceição do Tocantins. Esse espaço como perceptivo ao aluno compõe sua memória pessoal que ao se relacionar com as músicas sertanejas de raiz Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade levaram a reflexões e comentários de identificação.

A memória, através da recordação e lembranças, descritas pelos familiares após o contato com as específicas músicas, demonstraram em muitos casos semelhanças de vivências e situações. Seria o que Halbwachs (1990) declara como lembrança reconstruída sobre um fundamento comum, pontos de contato entre uma e as outras. Isso entre os alunos da turma foi visto de maneira que o lugar pôde ser na sala de aula espaço representativo para aprendizagem de conhecimento com uma construção de visão holística e também singular das relações.

No segundo momento da aula as letras das canções impressas foram distribuídas para acompanhar os áudios e fazer comentários. Muitos comentários foram destacando a identidade diante da visão do sujeito do campo e identificação com situações narradas nas músicas pelas quais famílias e parentes vivenciaram.

Diante disso foram propostas algumas ações para o processo metodológico das aulas relacionadas aos assuntos da geografia do Brasil:

- Os alunos deveriam escutar as músicas junto a alguns familiares e colher deles opiniões, comentários e narrações de lembranças;
- Também associar as duas canções sempre que possível aos assuntos que passariam a ser trabalhados nas aulas de geografia.

Os conteúdos da geografia da segunda série do ensino médio da Educação Básica envolvem temáticas da formação territorial brasileira e sua ocupação com características nos espaços rural e urbano dentro do processo socioeconômico que foram induzidas a serem vistos nas canções.

Ressaltando que esses assuntos são conteúdos contemplados no Documento Referência para elaboração dos Planos de Ensino da Secretaria Estadual da Educação do Tocantins.

Esse documento é o Referencial Curricular para as unidades escolares elaborado pela Secretaria de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins (SEDUC- TO) anualmente. O referido documento fora elaborado como referência para os planos de Ensino de cada componente curricular do ensino fundamental, médio e a Educação de jovens e adultos- EJA.

Assim em sua apresentação se declara que “O documento é um instrumento organizador da ação educativa que irá proporcionar a toda equipe pedagógica e professores a construção do planejamento escolar, considerando que o Plano de Ensino do professor deve ser elaborado por área de conhecimento e por componente curricular” (DOCUMENTO REFERÊNCIA- SEDUC-TO, 2017, p.02). O Referencial Curricular contém os títulos dos conteúdos de cada componente separados por bimestres letivos. Como instrumento norteador ao trabalho pedagógico permite ao professor elaborar a metodologia e articulação e elo entre os conteúdos, disciplina e área de conhecimento.

As aulas que se seguiram após a discussão sobre as músicas contemplando os assuntos mencionados foram ricas em comentários e ligação entre o espaço geográfico brasileiro, a música e as características de vivência dos alunos e seus familiares transmitidas nas aulas.

Os alunos nesse momento seriam o que Ricouer (2007), chamou de história do tempo presente com os testemunhos vivos, onde a empolgação das narrativas construídas com falas de familiares originadas a partir de lembranças e recordações estimuladas pelas músicas puderam com a intermediação docente se relacionar aos conteúdos da geografia ao longo das aulas. Claro que as falas podem não transmitir precisamente cada experiência dos sujeitos. (Tanto do sujeito aluno, como espectador das narrativas dos familiares) como narrador dessas experiências ouvidas.

A Geografia como a História e diversos campos do conhecimento que se enriquecem das narrativas do sujeito podem se deparar com o intransmissível total, mas pode se enriquecer bastante com o dizível, assim afirma Ricouer (2007), em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, “quem diz intransmissível não fala indizível” (RICOUER, 2007, p. 459).

As narrativas dos sujeitos e sua memória declarativa nem sempre transmite em sua totalidade as relações vivenciadas, uma experiência externa. Algumas vezes por motivos diversos experiências e relações do lugar, vertentes da vida cotidiana podem ser suprimidas, esquecidas, tornando intransmissível o todo. Ricouer chega a afirmar que “o limite para o historiador, como para o cineasta, o narrador e o juiz, está em outro lugar: na parte intransmissível de uma experiência extrema” (RICOUER, 2007, p. 456). Diante disso, dizemos que a geografia e ciências que se enriquecem com memória pessoal e coletiva se deparam com a não totalidade de narrativas. Ricouer (2007) declara ainda que estrutura patológica, conjuntura ideológica, encenação midiática, passividade desculpatória que as vezes, perversamente se conciliam com artimanhas gera o intransmissível total. Também afirma que é possível se enriquecer o conhecimento com o que for dizível, ou seja com o que é narrado. Mas, ele também destaca somado ao pensamento de Locke, analisado em sua obra, que é impossível narrar tudo e que se pode narrar de diversos modos, suprimindo, deslocando as ênfases, refrigerando os protagonistas e os contornos da ação. Portanto, as falas narrativas dos alunos diante do que absorveram de seus familiares, perante o áudio das músicas e relacionando aos conteúdos da geografia do Brasil, demonstraram uma identidade relacionada a uma vida do campo e sua relação com o urbano local.

As aulas transcorreram de maneira a usar as músicas sertanejas de raiz vendo nos seus diversos trechos assuntos trabalhados na sala de aula. Isso abriu caminhos à compreensão (através dos processos intelectuais e afetivos), levando o aluno a participar do entendimento da aquisição do conhecimento.

Quanto a metodologia do uso da música sertaneja de raiz, ousamos afirmar, que vai ao encontro do que declara Cavalcanti (2005) sobre o ensino escolar e o processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor:

Ensinar é uma intervenção intencional nos processos intelectuais e afetivos do aluno buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento. O objetivo maior do ensino, portanto, é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno. A intervenção intencional própria do ato docente diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e métodos que levem em conta as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos, planejamento, realização e avaliação. Em outros termos, a tarefa de intervenção no ensino escolar é basicamente do professor e consiste em dirigir, orientar, no planejamento, na realização das aulas e das atividades extra- escolares e na avaliação, o processo de conhecimento do aluno com base em determinados propósitos, em conteúdo específicos e em modos

adequados para conseguir os propósitos definidos (CAVALCANTI, 2005. p. 137).

Assim o processo de intermediação da exposição das falas dos alunos facilita o direcionamento do processo de conhecimento do aluno. Esse conhecimento foi se ampliando a cada aula, onde o espaço da sala de aula foi ganhando mais informações sobre o lugar e a relação com o conteúdo ensinado. O aluno e o professor manipularam o saber elaborado na escola. Diferentemente do conteúdo contemplado no livro didático, principalmente em escala nacional, no caso da geografia do Brasil aluno e professor através da memória coletiva local integram informações, comparam, associam, há um manuseio do saber elaborado.

Quando os alunos da segunda série do ensino médio noturno trouxeram as narrativas de seus familiares à paisagem, às relações sociais, às situações socioeconômicas, às condições estruturais de locomoção de suas vivências, de algumas décadas anteriores, foi possível manipular, no sentido particular de tecer conclusões e conceitos, o saber escolar.

Isso faz lembrar as palavras Murray Shafer (2011), na sua obra *O ouvido pensante*, quando enfatiza o papel do professor no fazer criativo discente, na educação. Ele afirma:

Numa classe programada para criação não há professores; há somente uma comunidade de aprendizes. O professor pode criar uma situação com uma pergunta ou colocar um problema; depois disso, seu papel de professor termina. Poderá continuar a participar do ato de descobertas, porém não mais como professor, não mais como pessoa que sempre sabe a resposta. Enfatizo novamente: numa classe programada para criação o professor precisa trabalhar para a própria extinção (SCHAFER, 2011, p. 274).

É com a mediação do professor que há ampliação do conhecimento, que este é extraído pelo aluno diante da aula e de sua vivência dentro e fora da sala de aula. Os componentes da turma conseguiram extrair de um recurso didático metodológico, que foi a música sertaneja de raiz, visão do lugar, através de elementos da memória reconhecidos nos conteúdos da geografia. Como afirma Cavalcanti,

em síntese, no processo de ensino/ aprendizagem há uma relação de interação entre sujeito (aluno em atividade) e objetos de conhecimento (saber elaborado) sob a direção do professor, que conduz a atividade do sujeito ante o objeto, para que este possa construir seu conhecimento”. (CAVALCANTI, 2005, p. 139).

Esse processo de ensino da geografia, com interação possibilitou que a busca da memória do outro, do próximo, estimulada pela narrativa das canções sertanejas de raiz enriqueceram as aulas em diálogo e construções de conceitos.

Esses conceitos foram elaborados em tornos de temáticas da relação campo/cidade; ocupação de terras e problemas ambientais urbanos e rurais que no livro didático está de maneira geral e pouco contextualizada. Por meio das letras das músicas foi possível ver na sala de aula, essas temáticas relacionadas com realidades locais como as relações familiares, a posse de propriedades e perda delas, o êxodo rural e as migrações diárias fazenda/cidade e vice-versa. Isso dentro de uma realidade local no espaço geográfico por meio da memória coletiva despertada pelas letras das músicas.

As narrativas e os diálogos travados em sala de aula, vindos de alunos das diversas famílias, enriqueceram as aulas, pois trouxeram opiniões narrativas onde os textos elaborados, no livro didático pode se relacionar com a cotidianidade de um tempo e espaço local dos alunos.

Por meio de diálogos dirigidos nas aulas pelo docente se percebemos a necessidade de uma ordenação não só de fala, mas também de direcionamento de narrativas, relação com as músicas sertanejas e as temáticas dos conteúdos do bimestre.

O enriquecimento das aulas, levaram as atividades além de explicações de conteúdos, como diálogo, conversas dirigidas, explanações de trechos da música para análise com debates e todo trabalho de pesquisa com familiares, aos conteúdos estudados, desde o processo da ocupação do território brasileiro e as relações socioeconômicas desses espaços, principalmente campo e cidade, passaram a se integrar e ter uma relação com o espaço vivido, com o lugar, dando pressupostos básicos para a compreensão do espaço local. Como afirma Callai (2009), o olhar espacial é o modo de fazer geografia, o método a usar é como se deve estudar a realidade e que esta tenha a ver com a vida dos alunos.

Essa autora destaca que o olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social. Por meio desta pesquisa podemos dizer que determinada realidade pode estar narrada em diversos objetos de registros como as músicas Jeitão de Caipira e Caboclo da Cidade, visto que, os conteúdos da geografia do Brasil, tem em seus diversos assuntos a relação socioespacial do rural e do urbano, marcada por caracterizações e transformações do espaço geográfico nacional e suas relações com os demais espaços da terra.

A relação socioespacial do rural e do urbano estão interligadas e atreladas ao espaço geográfico de maneira a resultar a paisagem. Quando se observa na obra de Moreira (2011), Sociedade e Espaço geográfico no Brasil, a trajetória e a herança colonial, as imposições do

capitalismo nos alicerces da formação e estruturação dos espaços rural (campo) e urbano (cidade) vimos que o olhar espacial da geografia pode levar o trabalho da sala de aula ao estudo de determinada realidade social. Pimenta (2017) ao declarar que as décadas iniciais do século XX no Brasil foram marcadas pelo desenvolvimento da área urbana e da indústria nacional, onde essa ao ser expandida faz a cidade parecer ter melhores condições de trabalho e subsistência do que o campo. O autor também afirma que a ampliação do modelo capitalista no país concretizou o êxodo e a expulsão de milhões de brasileiros das áreas rurais e da expropriação da base fundiária. E dentro dessa temática Pimenta (2017) destaca o trabalho como condição e sua apropriação como elemento chave do desenvolvimento do capitalismo. Onde ousamos dizer que seria um grande motivo de transformação do ambiente. Pimenta (2017) diz que “os seres humanos, diferentemente de outros animais, não apenas se adaptam ao ambiente do qual fazem parte, acima de tudo, os homens transformam este ambiente [...]” (PIMENTA, 2017, p. 18). E essa transformação que marca o espaço geográfico, que também é o de estudo da geografia. E que pode através da memória trazer conhecimento para dentro da sala de aula.

Quando adentramos nas afirmações de Moreira (2011), sobre o espaço rural e urbano brasileiro, a arrancada industrial e a sociedade do trabalho, principalmente entre as décadas de 1930 à 1950, vemos o quanto os modos de vida descritos nas músicas sertanejas de raiz, Caboclo na Cidade e Jeitão de Caipira reflete o que o autor chama rearrumação dos arranjos e da simbologia do mundo do trabalho. Essa rearrumação dos arranjos do mundo do trabalho levou dentro do sistema urbano e industrial ao deslocamento para uma base urbano-rural. Lembrando que, como afirma Pimenta (2017), a existência sedentária dos homens os fez modificar o ambiente detendo meios de alterá-lo. E afirma: “Ao passo em que a relação dos homens com a natureza avança para a consequente dominação desta por aqueles, o trabalho torna-se fator central na experiência humana”. (PIMENTA, 2017, p. 16).

A experiência do trabalho e a produção dentro do contexto rural e urbano estão relacionadas as coisas, fenômenos e relações sociais dos lugares no mundo. Por isso o conteúdo da geografia neste contexto deve auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento e sobre o seu lugar. Assim afirma Callai: “Este conhecimento, partindo dos conteúdos da geografia, significa uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo” (CALLAI, 2009, p. 93).

Todo o processo de ensino/aprendizagem, de estudo e construção do conhecimento sobre a geografia do Brasil relacionado ao lugar através da memória pela música sertaneja de raiz na turma da segunda série do Ensino Médio foi paulatinamente crescendo durante as aulas. Esse crescimento pode ser visto no envolvimento com as aulas e conteúdos ministrados. A relação dos conteúdos com os modos de vivência relatados na música possibilitou diálogos com conceitos, comparações e análises mais elaborados com interpretação do que se lia nas letras das músicas sertanejas de raiz, com exemplos de vivência local e conteúdos da geografia. Os alunos foram interligando pontos como o modo de vivência de suas famílias, as questões rurais locais, expropriação das terras, êxodo rural local, problemas urbanos e produziram uma culminância do processo de aprendizagem. Essa culminância resultou em encenações apresentadas em sala de aula pelos alunos. As encenações demonstram relação com a narrativa das músicas, as memórias dos familiares relatadas em sala, somadas ao contexto socioespacial brasileiro em relação ao campo e a cidade estudadas em sala.

Diante das músicas trabalhadas e com relatos de memória do aluno espectador de seus familiares, foi possível trazer para a sala de aula problemas reais do município de Conceição do Tocantins em relação ao campo, as propriedades rurais, problemas enfrentados com o êxodo rural.

A relevância desse trabalho foi constatada no desempenho escolar quantitativo, na demonstração de qualidade da aprendizagem avaliada através das ações propostas e suas resoluções. Somado a isso a aplicação de um questionário com quatro questões abordando a opinião e o conceito dos alunos em relação ao trabalho com a música sertaneja de raiz para compreender melhor os conceitos da geografia, demonstraram satisfatoriamente a aceitação das aulas com a utilização das músicas sertanejas de raiz. O questionário abordou as seguintes questões:

- a) O que relatam as músicas Jeitão de Caipira (Liu e Léu) e Caboclo na Cidade (Dino Franco e Mouraí)?
- b) O que se diferencia e o que se assemelha entre as duas músicas?
- c) O que é retratado nas músicas tem haver com a sua realidade ou da sua comunidade?
Comente;
- d) Esse estilo musical era conhecido por você?

- e) Os assuntos retratados nessas e em outra música desse estilo escutado por você, estão associados aos conteúdos trabalhados na disciplina em sala de aula? Descreva.

3.3 Um olhar avaliativo diante do uso da música sertaneja de raiz na sala de aula perpassando pela identidade e memória

O desenrolar do trabalho em sala de aula exige do professor um sujeito ativo na direção do processo de ensino e na reorganização de determinados componentes desse processo. Por isso, a proposta metodológica deve postular na geografia a construção do conhecimento, onde os componentes do processo de ensino como planejamento, procedimento de ensino, recursos e materiais didáticos se efetivam quando forem ações vivenciadas juntos com os alunos. Essas ações são atos que precisam ajudar no desenvolvimento do conhecimento do sujeito através de atividade. Mas, ela precisa ser motivada. Assim como afirma Cavalcante “para se caracterizar um ato como atividade é necessário que a ação ou várias delas, esteja dirigida a um objetivo e que tenha um motivo que mobilize o sujeito” (CAVALCANTI, 2005, p. 145). No caso do trabalho com as músicas sertanejas de raiz a mobilização foi atrelada a memória individual do aluno e familiares próximos a ele para relação com o conteúdo da geografia. De acordo com Cavalcanti (2005) no ensino a atividade principal é a aprendizagem e, que no ensino de geografia para uma boa condução do processo de aprendizagem o professor deve manter uma relação dialógica com os alunos e entre os alunos.

Nessa relação dialógica, que pode fazer diferença na sala de aula e na condução da aula e na participação e aceitação desta pelo aluno, o recurso didático tem papel relevante. Assim, a música, destacada por Penna (2014), é material sonoro significativo para o sujeito, ideia também defendida por Ferreira (2017) como aquilo que os grandes artistas, melhor sabem traduzir do sentimento das pessoas de uma geração, funcionando sua expressão como o retrato de uma época e que o professor de história, geografia pode encontrar o espelhamento de um período.

A relação dialógica desenvolvida na sala de aula permitiu ao aluno o espaço para expor aprendizagem na sua fala e absorver conhecimento através da predisposição na escuta das narrativas feitas pelo outro na sala.

Quando Ferreira (2017) diz que a música pode traduzir sentimento de uma geração, podemos dizer que a música sertaneja de raiz carrega memória e estimula lembrança e recordação quando usada no ensino da geografia.

A música sertaneja de raiz trouxe nas letras a retratação de uma época, se tornando resultante de um processo de construção cultural, pois pode abranger características local do ambiente natural, econômico e social do lugar, essas características puderam ser vivências pelos alunos em sala de aula.

As músicas sertanejas de raiz que foram trabalhadas para o ensino e aprendizagem da geografia do Brasil foi associada a identidade e memória, serviu como linguagem para construção do conhecimento. O trabalho elevou os índices de aproveitamento da turma, registrados no SGE (Sistema de Gerenciamento Escolar) da Secretária Estadual de Educação do Tocantins. O primeiro bimestre, onde o trabalho direcionado com as músicas sertanejas, não havia sido ainda implantado, a turma obteve 71,4% de aproveitamento na disciplina de geografia. Durante todo o segundo e parte do terceiro bimestre os índices elevaram-se para 76,2% em cada um dos bimestres onde o processo de trabalho com música, memória e identidade estavam presentes. No quarto e último bimestre do ano letivo, esse processo prático não esteve presente o índice retornou para os 71,4%. Diante da realidade da sala de aula no período noturno, que é bastante crítica em relação a evasão e desempenho, um aumento de 4,8% no desempenho da turma é bastante relevante, pois traz, de modo geral mais possibilidade ao aluno permanecer até o final do ano letivo com aprovação.

Além dos dados percentuais de desempenho da turma, as respostas analisadas nos questionamentos elaborados no final das aulas e atividades propostas proporcionaram ter um panorama da relevância do trabalho com a música para os alunos na aula de geografia. Embora cerca de 17% da turma não conhecesse precisamente o áudio e letra das duas canções sertanejas de raiz, todos retrataram em suas respostas que elas tinham relação com a realidade local e com o que seus familiares relataram sobre a relação campo- cidade e a identidade do sujeito desse campo local.

Diante do trabalho desenvolvido enfatizamos o quanto a memória, seja pessoal e/ ou coletiva é um campo que pode levar ao conhecimento e questionamentos na sala de aula, e como para ensinar geografia na contemporaneidade exige uma concepção pedagógica diferenciada, essa concepção de acordo com Costa e Moreira (2016), precisa compreender o

mundo, suas representações sociais e transformações nas múltiplas dimensões da realidade social e a memória do aluno e do grupo do qual faz.

A memória individual que é atrelada a identidade e consciência de si como uma identidade temporal, destacada por Ricouer (2007) trouxe narrativas de realidades. Um material didático-metodológico como a música pode trazer narrativas de realidade e estimular a lembrança de experiência e realidade semelhante.

Observamos, também o que Halbwachs (1990) declara como memória individual composta por experiência que indica o pertencimento a um grupo onde se recebe ensinamentos dos outros e se constrói a identidade, consciência de si que pode trazer declarações no testemunho que integra conhecimento. Foi também o vínculo social na comunidade, a palavra do outro, de acordo com Ricouer, que provocou o sucesso da ação. Essa palavra do outro como grupo que é esse vínculo social, trouxe conhecimento para aula de geografia. É de se notar a vivência dos indivíduos e da coletividade e suas relações com os lugares vividos que segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e as músicas Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade trouxeram declarações de experiência de realidade que reflete o espaço geográfico.

Isso pode ser levado para sala de aula sob a orientação do educador e como fonte de pesquisa para o discente, estimulando a participação na construção do conhecimento, na formulação de conceitos diante do objeto de estudo. Até mesmo, porque o próprio Ricouer (2007) afirma que o testemunho como narrativa de memória, traz para comunidade confiança e dúvida na palavra do outro, pois a memória pode ser manipulada. Isso estimulou a busca pelo conhecimento, pois como Ricouer declara que a sala de aula é ambiente de deslocamento de pontos de vista da memória, assim o professor precisa saber aproveitar na geografia, a recordação e o reconhecimento através da lembrança.

Vimos que a lembrança como memória declarativa pode auxiliar na contextualização do saber aprendido na sala de aula, também pode auxiliar no conhecimento sobre o lugar, a relação desse lugar ao longo do tempo. Isso facilita a compreensão do espaço geográfico e suas transformações culturais e físicas no tempo histórico, pois a lembrança que é atribuída ao eu, ao próximo e ao coletivo envolvem conhecimento.

Ricouer (2007), analisando a declaração de Halbwachs, sobre memória coletiva, onde esse considera que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e

que sua força e duração diz que ela vem do fato de um conjunto de indivíduos se lembrarem enquanto membros de um grupo, dessa forma nos fez ver lembranças comuns caracterizam o ambiente coletivo. Vale salientar que Ricouer (2007) fala que memória é um caso particular e um caso singular. Pois os fenômenos mnemônicos (lembrança e recordação) são afecções e ações que são atribuídos por qualquer um a cada um. A memória de cada um tem interpretação e narração atribuída a si. E essa memória pessoal testemunha realidade.

Mas cada experiência de uma realidade é atingida por afetividade diversa em cada um. E nem sempre a narração de uma lembrança afeta quem partilha da narração como receptor com a mesma intensidade. Pois a especificidade de cada memória pessoal é ligada a história de vida. Assim declara Ricouer (2007), “é por isso que a impressão afetiva de um acontecimento capaz de tocar a testemunha com a força de um golpe não coincide necessariamente com a importância que lhe atribui o receptor do testemunho” (RICOUER, 2007, p.173).

Nesse sentido a narrativa de uma memória pessoal como as narradas nas músicas sertanejas de raiz pode não ser vista de imediato pelo aluno como testemunho de experiência que pode ser contextualizada e relacionada ao conteúdo de geografia na sala de aula, mas com condução docente do processo pedagógico e na condução didática das atividades usando memória foi relevante, desde a estimulação ao aluno como pesquisador e receptor de narrativas de vivências e experiências de seu lugar até ao seu protagonismo.

Se a memória pessoal é psiquicamente uma percepção com interpretação, que pode sofrer alteração e que é de cada ou qualquer um que estar ou esteve no mesmo presente em um espaço, ela carrega informações e possui identidade. E diante do conceito de Halbwachs e Ricouer sobre memória individual e coletiva nos deparamos com a questão da identidade. Que para a concepção de Stuart Hall as identidades sofrem mudança e transformação e surgem no interior do poder e são o produto, o resultado da diferença e da exclusão. Por isso a memória coletiva vai refletir concepções de identidade de um período, espaço de tempo que refletirão realidade do momento presente que ela ocorreu. Porém as identidades que caracterizam um lugar sofrem mudança e transformação por serem social e histórica.

Como afirma Lencioni (2001) “a relação do homem com a natureza e com os outros homens é intrinsecamente social e histórica” (LENCIONI, 2001, p.195). E se essa relação é social ela tem memória pessoal e coletiva e é histórica, então ela tem passado e presente. Assim ela se relaciona com o espaço geográfico porque está permeado de mudanças e

transformações, que geram acontecimentos que podem ser narrados e a geografia vê em tudo isso o objeto de conhecimento. Que na geografia do Brasil espaço rural e o urbano tem relevância para a compreensão das dimensões socioeconômicas, políticas e culturais de cada lugar do território nacional por ser abordada nas músicas foi importante para a aprendizagem.

Embora Ricouer (2007) mencione que uma narrativa não se assemelhe totalmente ao acontecimento, mas pode haver uma representação historiadora. “A representação historiadora é de fato uma imagem presente de uma coisa ausente”. (RICOUER, 2007. p. 294). Com isso vimos o quanto a memória narrada, como testemunho trouxe conhecimento para a sala de aula. Por isso o professor precisa articular tudo isso de maneira que o conteúdo da disciplina e o conhecimento adquirido da busca da memória do aluno e dos que são próximo dele se contextualize. Esse processo de recurso didático-metodológico é relevante, pois a condução do processo de aprendizagem e o processo metodológico de ensino podem interferir no desempenho um do outro. Ao ver nos testemunhos da memória de vivências do lugar material para sala de aula no trabalho com conteúdo da disciplina de geografia, o recurso didático para tornar isso um processo pedagógico é fundamental.

Foi nessa concepção que o trabalho com as músicas sertanejas de raiz Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade serviram de base para todo um processo de aprendizagem. Desde a relação aos referidos conteúdos da geografia do Brasil, análise com problemas locais, estímulo ao diálogo em sala com conhecimento sobre a(s) identidade(s) do urbano e o rural que tanto define o sujeito do campo, até a relação do local com o global. Efetivamente as várias etapas da atividade precisam ser avaliadas. Assim podemos afirmar que na avaliação docente e discente, foi detectado através do envolvimento com a própria aula e cumprimento das atividades propostas e respostas positivas no questionamento quanto a aceitação do trabalho que houve crescimento e desenvolvimento no desempenho pedagógico da segunda série do ensino médio noturno.

Na avaliação foi possível perceber situações de interação e cooperação entre alunos e a riqueza de saber adquirido da memória pessoal e do outro. De acordo com o pensamento de Cavalcante (2005) a eficiência para o aproveitamento da conscientização das representações já formadas por alunos, o desenvolvimento de habilidades para promover visões diferentes sobre o mesmo objeto do conhecimento, relativizando pontos de vista e possibilitando confronto de conceitos e opiniões pode acelerar a construção do conhecimento e o desenvolvimento de um pensamento mais crítico e autônomo. “Essa possibilidade depende,

em boa parte, da intervenção do professor e do diálogo por ele conduzido, o que se dá pela mediação da linguagem” (CAVALCANTI, 2005, p. 153). Essa linguagem foram as músicas, podemos assim afirmar. E ainda concordando com a autora, o caminho metodológico importante é a manutenção de uma relação dialógica e, o papel do professor é preponderante nessa relação, com a linguagem utilizada. Por isso,

o professor que estiver ensinando geografia deve estar atento para o fato de que os conceitos e a linguagem em geral, utilizada por essa matéria de ensino estão bastante impregnados no senso comum, compondo o material simbólico da comunicação na vida cotidiana (CAVALCANTI, 2005, p. 162).

A música sertaneja de raiz por ser um material de linguagem acessível e que possibilita reflexões nas suas narrativas de modos de vida e vivências cotidianas, pode, como afirma a autora, no ensino da geografia compor material de comunicação para a construção, análise e mudança de conceitos e apropriação de mais conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa proposta de trabalho e estudo desenvolvida com os alunos do Ensino Médio da segunda série pretendeu desenvolver mudanças na postura do processo de ensino e aprendizagem na disciplina de geografia.

Através do trabalho pedagógico na sala de aula utilizando um recurso considerado viável, como a música, se buscou compreender as possibilidades de enriquecer o processo de ensino e contribuir para o tão desafiante processo de aprendizagem.

A música como instrumento didático-metodológico e a memória pessoal e coletiva local para o ensino de ciências humanas como a geografia e outras provou ser um recurso no processo de ensino que se torna acessível ao aluno e ao professor do ensino médio.

A música possibilita uma melhor apreensão de conhecimento, visto que é uma manifestação cultural envolvente que faz parte da realidade dos grupos humanos.

A diversidade artística musical não apenas dos dias bem atuais, como de décadas anteriores podem levar ao conhecimento. Porque as músicas, como diversas expressões artísticas culturais, trazem elementos que caracterizam relações sociais de tempo e lugar. Nesses elementos descritos em composições musicais podem levar ao conhecimento. Esses elementos correspondem a diversas realidades de vivência e experiências que estão ligadas a identidade dos sujeitos nos diversos espaços geográficos. Assim afirmamos que o professor precisa ser sensível a isso, precisa ter a perspicácia, precisa ser o que Schafer (2011), afirma sobre o professor ter em mente que o seu trabalho precisa ser voltado para o crescimento e construção do conhecimento do aluno.

Vimos que a habilidade e competência docente para aproveitar articular e estimular a aceitação do trabalho docente na sala de aula e a colaboração com ele por parte do aluno, é um desafio para o professor. Então as atividades e metodologias usadas durante as aulas de

geografia do ensino médio no Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo, a riqueza de bagagem conteudista retirada da música sertaneja de raiz elevou o desempenho do aluno, resultando em melhores notas de aprovação bimestral.

A relevância de utilizar a música sertaneja de raiz no ensino de conteúdos da geografia do Brasil, foi esse estilo conter narrações descritivas de modo de vida do sujeito das áreas rurais do século XX e das relações com as áreas urbanas. Assim trazer lembranças e recordações de modos de vivência de realidades de famílias locais. Isso fez das músicas Jeitão de Caipira e Caboclo na Cidade exemplos de memória descrita e estímulo de lembrança para quem tenha ou teve modo de vivência que se assemelha a situações e cenários apresentados nas músicas, aproveitados para o ensino da geografia.

A memória pessoal do discentes e familiares estimulada pela música sertaneja de raiz facilitou, além do processo de aprendizagem, as relações sociais na sala de aula.

Vale destacar que as memórias relatadas e dialogadas em sala retrataram características estruturais dos espaços geográficos rural e urbano.

A geografia aborda esses espaços que para a Educação do Campo não deve deixar de estar atrelada a historicidade e as relativizações, transformações e interferência que o capitalismo marca nas relações sociais. Assim a geografia como disciplina escolar, defendida por alguns autores, objetiva uma compreensão racional do vivido atrelado a subjetividade. Dessa forma a percepção advinda das experiências vividas ou conhecidas de relatos de memória do lugar é uma etapa metodológica relevante para o conhecimento do aluno e sua formulação de conceito do rural, urbano e do sujeito e sua identidade. Caldart (2009) enfatiza sobre o processo educativo estar vinculado a prática emancipatória, onde o sujeito se perceba sujeito da história. Então o sujeito tem que se perceber e perceber o próximo e o outro como construtor da formação do espaço geográfico e do conhecimento.

A sala de aula, mencionado por Ricouer (2007) como lugar privilegiado de deslocamento de pontos de vista da memória precisa da mediação do professor, para essa percepção de sujeito do espaço geográfico. O professor buscando conceitos mais aprofundados sobre memória possibilitará mais proveito como recurso didático e metodológico para a geografia do Brasil.

Nessa proposta vimos a música sertaneja de raiz e a memória pessoal e coletiva como possibilidade de desenvolvimento de uma prática pedagógica para a geografia na sala de aula.

Frente a isso, destacamos a interpretação docente nesse processo de defendermos a criação na sala de aula de espaço de construção de conceitos emancipatórios e os desafios do papel dos diversos sujeitos do campo no espaço geográfico brasileiro. Não temos como pretensão demonstrar a referida proposta de trabalho como solução para dificuldades, para os problemas no processo de ensino, mas como uma maneira de pensar um agir pedagógico e deixar aberto caminho para desenvolvimento de reflexões e busca de mais aprofundamento no campo do ensino com a música e a memória no espaço da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Clésio Acilino.; LUCINI, Marizete. **Ensinar e aprender na Educação do campo: Processos históricos e pedagógicos em relação**. Cad. Cedes, Campinas, vol.27.n.72, p. 177- 195. Maio/ agosto. 2007. Disponível em: <http://www-cesdes.unicamp.br>.

ARRAYO, Miguel Gonzalez.; FERNANDEZ, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Coleção por uma Educação Básica no Campo. Nº 02- Brasília. 1999. Disponível em: [http:// portal mec. gov. br/ secad/ arquivos/pdf/educação do campo/ edbasicapopular.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educa%CC3o%20do%20campo/edbasicapopular.pdf) (Acesso em: 18/04/2019).

ARRAYO, Miguel Gonzalez. **Pedagogias em Movimento: O que temos a aprender dos movimentos sociais?** Currículo sem Fronteiras. v. 3, n. 1, pp. 28- 49, Jan/jun. 2003.

ASCENÇÃO, V de O. Roque; VALADÃO, R.C. **As dimensões escolares e a abordagem de conteúdos geográficos**. Anekumene, Bogotá, n.2, p. 152-66, 2011.

BRAGA, Tâmara Campos C.; SALES, Suze da Silva. **Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica nas Escolas do Campo e sua Efetivação: Um Estudo de caso em Escola do Município de Arraias- TO**. In: MOURA, Sílvia Adriane T. de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman (Orgs). **Educação do Campo e pesquisa: Políticas, práticas e saberes em questão**. Kelps. Goiânia. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília 1999. Edição vol. Único. Incluindo Lei 9.394/96 e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio- Ciências humanas e suas Tecnologias**. vol. 4. Brasília. 1999.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília. 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Secretaria de Educação Profissional e

Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília. 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular- Educação é a Base**. Brasília. 2018.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: Notas para uma análise de Percurso. Trab. Educ. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 7. n.1, p. 35- 64 – Marc/ jun. 2009.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.) Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. Mediação. Porto Alegre. 2009.

_____. **Ensino da Geografia: Caminhos e encantos** (Apresentação). In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). Ensino da Geografia: Caminhos e encantos. Edipucrs. Porto Alegre. 2011.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Mediação. Porto Alegre 2009.

_____. **Ensino de Geografia: Caminhos e Encantos**. Edipucrs. Porto Alegre. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Papirus. Campinas 2005.

COSTA, Rita de Cassia Marques.; MOREIRA, Cileya de Fátima Neves. **Fundamentos Metodológicos e Prática do Ensino de Geografia**. INTA/ PRODIPE. Sobral. 2016.

DANTAS, Tiago. **“Sertanejo”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/sertaneja.htm> (acesso em 30/03/2019).

DIAS, Alessandro Henrique Cavichia. **Sertanejo Caipira ou Caipira Sertanejo: As Definições da música Rural Brasileira**. Coleção Nova História da Música Popular Brasileira. Revista de História Bibros- História (s), sociedade (s) e cultura (s). Bibros. v.2, n.3, p.29-45, jul- dez. Fortaleza. 2014.

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: dicionariompb.com.br/nh_chico/dados_artisticos. acesso em: 30/04/2018.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. Contexto. São Paulo. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. (La Mémoire Collective) - Tradução de Laurent Luon Schaffter- 2ª edição. Presses universitaires de France (1950). Paris, França. 1968. Editora Biblioteca Vértice. 1990.

HALL, Stuart. **Quem precisa da Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes. Petrópolis. 2014.

LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia. A noção de Região no pensamento Geográfico**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). Novos Caminhos da Geografia. Contexto. São Paulo. 2001.

LIBÂNEO, J.C. et al. (org.) **Educação Escolar: políticas, estruturas e organização**. Cortez. São Paulo. 2005

MAIA, Doralice Sátyro. **Cidade, relações cidade-campo e metropolização**. In: BUITONI, Marísia Margarida S.(coord). Geografia: Ensino Fundamental. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção Explorando o Ensino. V.22. Brasília. 2010.

MARAFON, Gláucio José. **Campo, relações campo cidade e luta pela terra**. In: Geografia: Ensino Fundamental. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção Explorando o Ensino. V.22. Brasília. 2010.

MATEIRO, Tereza.; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. IBPEX. Curitiba. 2011.

MELLO, João B.F. **O Rio de Janeiro dos Compositores da música popular Brasileira: 1928 - 1991, Uma Introdução à Geografia Humanista**. Dissertação (Mestrado em geografia) – Departamento de geografia- UFRJ Rio de Janeiro. 1991. Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/libros/liv24063.pdf> > (Acesso em 15/01/2019).

MELON, Claudio Armelin. **Transformação da Música Sertaneja do século XX: O jogo da contenção e absorção**. XXVII Simpósio Nacional de História- ANPUH- Conhecimento histórico e diálogo social (22 a 26 de julho de 2013). Natal. 2013.

MOREIRA, Ruy. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil: Constituição e problemas de relação**. Contexto. São Paulo. 2011.

MUNARIM, Antônio. **Educação na Reforma Agrária: Gênese da Educação do Campo no Brasil**. Revista Paideia do curso de pedagogia da Faculdade Ciências humanas e sociais-FUMEC. Ano 6, n. 7 (jul/ dez. 2009). Belo Horizonte. 2009.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino**. Sulina Porto Alegre.2014.

PIMENTA, Alessandro Rodrigues. **Relação Trabalho- Educação no campo: Tentativas de aproximação nas primeiras décadas da República no Brasil**. In: COSTA, Antônio Claudio M.; PIMENTA, Alessandro R.; PEREIRA, Maria Simone F. (org.). Educação no e do Campo: Olhares que se cruzam. UFU.PROEX. Uberlândia. 2017.

PPP- **Projeto Político Pedagógico**. Colégio Estadual Coronel José Francisco de Azevedo. Conceição do Tocantins.2018.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 1913. Tradução: Alain François [et.al.]. Unicamp. São Paulo. 2007.

ROSSATO, Maíra S.; CÂMARA, Marcelo A.; LUZ, Robson R. da. **A cidade... Encantos e desencantos: “De quem são as cidades?”** In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Ensino da Geografia: Caminhos e Encantos. Edipucrs. Porto Alegre. 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. Hucitec. São Paulo. 1988.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. Hucitec. São Paulo. 1996.

SANTOS, Claudirene da Costa, ARAÚJO, Gilberto Paulino de. **Caminhos e Desafios da Prática Pedagógica dos Educadores do Campo: Um olhar para as Escolas do Município de Arraias- TO**. In: MOURA, Sílvia Adriane T. de., SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman (org.). Educação do campo e pesquisa: Políticas, práticas e saberes em questão. Kelps. Goiânia. 2016.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido Pensante**. Tradução de Marisa T. O. Fonterrada; Magda R. G. da Silva; Maria Lúcia Pascoal. Unesp. São Paulo. 2011.

SILVA, Emiliane M. Holanda; MENDES, Márcia Cristina Ferreira. **Educação e Pesquisa: A música como suporte pedagógico na disciplina de História na Escola Est. Prof. Paulo Pinheiro de Viveiros**. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas. História, Sociedade e Educação no Brasil- UFPB- 2012. Disponível em: file:/// c:/users/angel/Documents/Material% 20TCC/ 3.48[44]. Pdf (Acesso em: 18/08/2018).

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Vozes. Petrópolis. 2014.

STRAFORINI, Rafael. **O Ensino de Geografia como prática espacial de significação**. Estudos Avançados. 32 (93). Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Práticas Espaciais**. In: MENDONÇA, D. de; RODRIGUES, L. P. (org.). Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Socioespacial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2013.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A.; ROSSATO, Maíra Suertegaray. **Natureza: Concepções no ensino fundamental de geografia**. In: BUITONI, Marísia Margarida S. (coord.). Geografia: Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Coleção Explorando o Ensino. v.22. Brasília. 2010.

TINHORÃO, José Ramos. 1928 – **História Social da Música Popular brasileira**. Editora 34. São Paulo. 2010.

TOCANTINS. Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins- SEDUC- TO. **Proposta Curricular do Ensino Médio. Referencial Curricular de Conteúdos de Geografia**. Tocantins. 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do Conhecimento em Sala de aula**. Libertad. São Paulo. 2004.

ZAN, José Roberto. **(Des) Territorialização e Novos Híbrido na Música Sertaneja**. Revista Sonora. 2008. Disponível em:
<http://www.univerciencia.org/index.php/browse/index/64>: (acesso em 30/03/2019).